

amm

AVE MARIA - REVISTA MENSAL - ANC XC
Nº 10 - OUTUBRO 1988 - Cz\$ 250,00



MARIA, RAINHA DO SANTO ROSÁRIO

NEGRA APARECIDA

O missionário e os meios de comunicação

AGENDA BÍBLICA

UMA AGENDA DIFERENTE QUE VOCÊ PRECISA TER SEMPRE À MÃO!

Estamos nos aproximando do fim de mais um ano. Chegou, pois, a hora de escolher os presentes, para as pessoas que você ama.

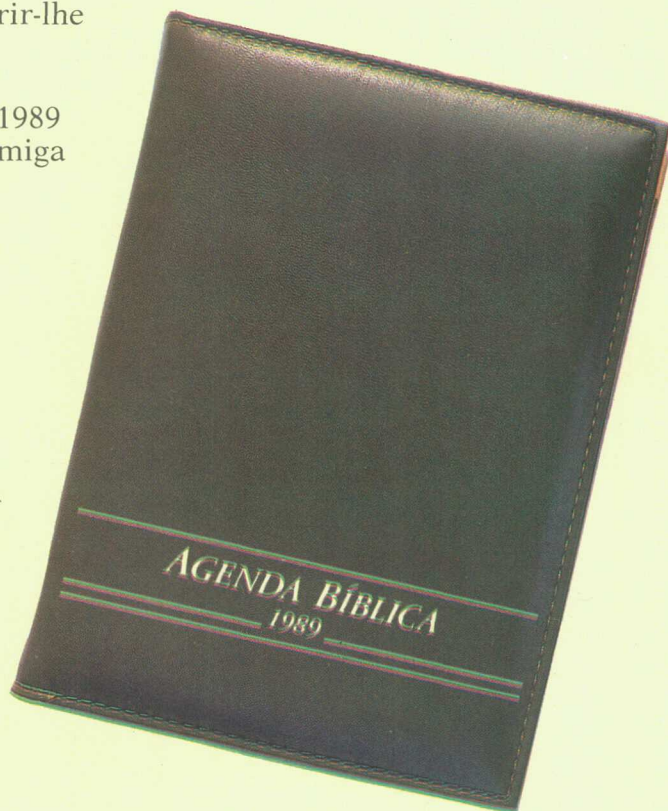
A AM edições tem a grata satisfação de sugerir-lhe o presente ideal, inédito no Brasil, para seus queridos amigos, ou então para você "presentear-se" a si mesmo: AGENDA BÍBLICA 1989 — uma agenda útil, diferente, uma verdadeira amiga e companheira para todas as horas!

A cada página, você encontra algo de tocantemente terno e maravilhoso, que só as mensagens de amor podem conter.

São centenas de textos e ilustrações que lhe proporcionarão, todos os dias, um novo amanhecer, cheio de fé, paz e esperança.

Além das vantagens e utilidades comuns a todas as agendas, a AGENDA BÍBLICA oferece a você:

- as mais belas páginas, vivas e palpitantes, do Evangelho de Jesus;
- comentários objetivos dos textos bíblicos, que o ajudarão a entender seu conteúdo e esclarecer certas passagens;
- questões para compreensão dos textos, que o levarão a uma profunda meditação;



- frases dos mais célebres pensadores, que poderão lhe dar novas idéias e sugerir soluções simples para problemas complexos, trazendo conforto imediato;
- curiosidades dos mais diversos tipos, que aumentarão sua cultura geral;
- informações variadas, que complementarão seu cotidiano no lar, no trabalho e no lazer.

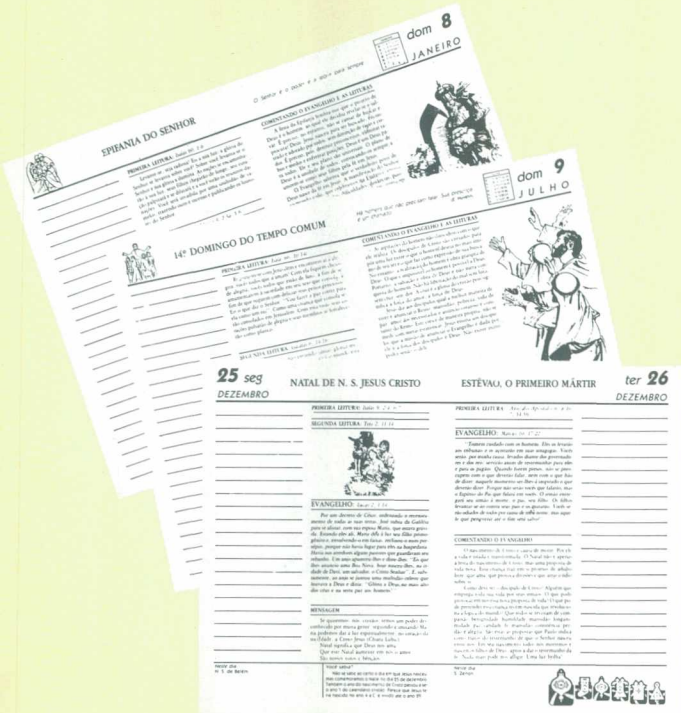
AGENDA BÍBLICA: um novo conceito de agenda!

Faça já o seu pedido preenchendo o cupom que está impresso na última página e enviando-o para:

CAIXA POSTAL 54165 -

CEP 01296 - São Paulo - SP

Você receberá a maravilhosa AGENDA BÍBLICA pelo reembolso postal.



am
avemaria

90 ANOS

Propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos.

Fundada em 28 de maio de 1898. Registrada no SNPI sob n.º 221 689, no SEPJR sob n.º 50, no RTD sob n.º 67, e na DCDP do DFP, sob n.º 199. P. 209/73 BL ISSN 0005-1934. Publicada na cidade de São Paulo, Brasil.

Diretor responsável: Cláudio Gregianin (MTPS) n.º 14 696

Administração: Hely Vaz Diniz

Arte: Roberta Masciarelli (direção), Rubens Barboza e Nelson Veríssimo (assistentes)

Preparação e revisão: Horácio Menegat

Composição, fotolito e impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria Ltda. Rua Martim Francisco, 656 — (Vila Buarque — CEP 01226) — São Paulo.

AVE MARIA é uma publicação mensal da Editora Ave Maria Ltda.

Redação, publicidade, administração e correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 3.º e 4.º andares. Tel. (011) 66-2128 e 66-2129. Cx. P. 54215 (CEP 01296) — São Paulo (SP).

A assinatura da AM pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque (pagável em São Paulo), vale postal ou valor declarado em nome da Administração da revista Ave Maria — A maioria das cidades são visitadas por nossos representantes, que renovam as anuidades a domicílio; nas demais as renovações de assinaturas são feitas por banco ou correio.

Preços: números avulsos: Cz\$ 250,00; assinatura nova e renovação: Cz\$ 2.500,00; assinatura de benfeitor: Cz\$ 5.000,00.

Foto da capa: série AM 90 anos

“MADONA INDÍGENA” — Pintura de Antônio Paim Vieira — O quadro apresenta uma Nossa Senhora indígena que adora seu Filho sentado sobre uma esteira. Ao fundo, algumas malocas da taba aparecem na orla da floresta, cuja silhueta é movimentada. A tribo está ausente; apenas uma leve fumaça dá sinal de vida. Os traços do Menino são brejeiros; na mão sustenta uma cruzinha de gravetos. As roupagens são de pano grosseiro e cores cruas, tendo um vago ornato típico. Reflete-se no céu o colorido verde-floresta, como a prenunciar os primeiros brotos daquela seara. Uma tentativa pictórica da Senhora das Missões Brasileiras, exprimindo a inovação: Rainha dos Apóstolos.

Tomar partido na vida

Desde que o homem é homem tem procurado sobrepor-se ao seu semelhante. Os de instinto maligno têm se confrontado com os de boa paz.

A história nos mostra que não raras vezes o homem não tem medido conseqüências nem tem se importado com a vida. Caim e Abel são protótipos desses dois comportamentos antagônicos. Um, temente a Deus, é agradecido pelos dons recebidos. O outro, mesmo advertido por Deus, por causa do comportamento mau, sequer se importou com a vida do irmão.

Não é novidade, portanto, que seres humanos, desde sua origem, se destruíam entre si como também não deve ser estranho para ninguém que Deus não pactue com o procedimento maligno.

O tempo, a experiência, a história podem ajudar o homem a ser menos bestial. A fé, certamente, torna o homem mais humano mesmo num mundo onde as forças do bem e do mal continuam, não como algo predestinado, mas como conseqüência da opção dos próprios homens. Existimos como sociedade composta de joio e de trigo. As sementes também estão misturadas, umas com força de unidade, de justiça, de paz; outras com força de discórdia e desagregação, de injustiça e de morte.

As tradições, as leis, as estruturas, as instituições nem sempre, existem para defender a vida do fraco e do indefeso, e o pior, freqüentemente, aparecem para manipular e dominar o pobre. São forças malignas que não merecem respeito nem merecem sobreviver. Manter essas forças de morte é idolatria porque cultuam o que é contra o projeto de Deus e os ensinamentos de Jesus Cristo.

O mês de outubro lembra missões. Missão urgente e necessária para os cristãos: plantar na história as sementes cujos frutos são dom de Deus. Ajudar o homem a ter condições de vida digna, trabalho, moradia, educação, saúde, liberdade, responsabilidade, fé. Isto é, tomar partido na vida, dom de Deus.

Neste número a revista Ave Maria traz uma amostra concreta da luta pela vida de muitos irmãos condicionados ao desabrigo. Do artigo “Cumprindo ou não, a missão da Igreja é libertar”, de Ana Valim, brota o questionamento: quem toma o partido dessa pobre gente desamparada pelas estruturas legais?

Também nos ajuda nessa reflexão o artigo do Pe. José C.R. Paredes, “O Magnificat da Igreja que caminha”. Nossa Senhora toma partido no seu povo sofrido, nos seus anseios, ideais e lutas. Maria de Nazaré aparece como símbolo das comunidades de fé cuja missão é zelar pelos pobres do povo ao qual pertence.

Nossa Senhora, berço da semente da Vida, é modelo e exemplo dos que tomam partido de Deus, dos que o temem e o obedecem.

P.C.G.

SUMÁRIO

4 • A IGREJA NO MUNDO

6 • OUTUBRO

7 • NEGRA APARECIDA

8 • O MAGNIFICAT DA IGREJA QUE CAMINHA

12 • MARIA, RAINHA DO SANTO ROSÁRIO

13 • PALAVRA DO PAPA

14 • O MISSIONÁRIO E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

16 • CUMPRINDO OU NÃO, A MISSÃO DA IGREJA É LIBERTAR

19 • CIMI REPUDIA REGULAMENTAÇÃO EM ÁREAS INDÍGENAS

20 • SERVIÇO MILITAR — AVANÇO OU RETROCESSO?

21 • CIDADES DO MEU BRASIL

22 • A SENDA DA PERFEIÇÃO

23 • DEPENDÊNCIA É DEPENDÊNCIA

24 • MEU LAR, MINHA ALEGRIA

26 • CONSULTÓRIO POPULAR

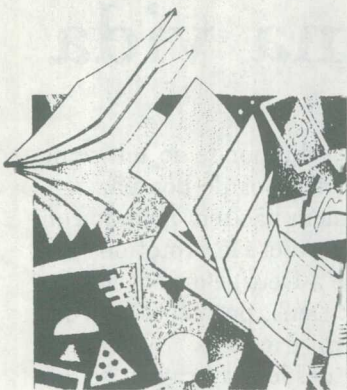
27 • PÁGINA CATEQUÉTICA

28 • A PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA EUCARÍSTICA

31 • QUE BOM QUE VOCÊ VEIO!

32 • LIVROS RECEBIDOS

33 • COLUNA DO MENOR



Jornais e revistas católicas debatem comunicação

Belo Horizonte (AGEN) — Quarenta pessoas, entre padres, religiosos e leigos, representando 14 revistas e 17 jornais católicos, estiveram reunidas em Belo Horizonte, no período de 1 a 4 de agosto, para discutir diversos aspectos ligados à comunicação e à Igreja católica no país, que já escolheram como tema da próxima Campanha da Fraternidade a questão da Comunicação.

Presentes ao encontro, que já é o segundo, sem contar o realizado em 1910, estiveram d. Serafim Fernandes de Araújo, arcebispo de Belo Horizonte e responsável pelo setor de comunicação da CNBB, e d. Luciano Mendes de Almeida, atual presidente desta entidade. O primeiro, na celebração eucarística de abertura, destacou o fato de a Igreja católica estar se despertando cada vez mais para o âmbito da comunicação, enquanto d. Luciano enumerou os diversos desa-

fios que a imprensa católica vem enfrentando hoje no Brasil.

Perfil

Durante os quatro dias de encontro, os participantes conheceram, com a ajuda de profissionais, o perfil da imprensa católica no país. Um destes profissionais, o publicitário Luiz Cláudio Henrique, afirmou que a imprensa católica é "atuante, persistente e heróica, mas ao mesmo tempo abaixo da crítica, inoperante, incapaz de formar opinião pública".

As críticas não pararam por aí, pois num dos debates o jornalista Itamar José de Oliveira disse que a Igreja católica "está vivendo o tempo da pedra polida em termos de tecnologia da informação". Ele sugeriu a criação de um centro de formação de jornalistas e a constituição de um centro de documentação e comunicação social.

Um dos pontos mais discutidos no encontro foi a criação do jornal semanário da CNBB, tendo-se sugerido que a publicação não saia inicialmente com uma grande tiragem, mas faça uma "experiência" de alguns meses com pouca tiragem como teste.

O próximo encontro deverá acontecer no segundo semestre do próximo ano, possivelmente em Itaici, município de Indaítuba (SP), quando se fará uma avaliação da próxima Campanha da Fraternidade. Presente ao encontro de Belo Horizonte, a AGEN detalhou e ofereceu aos participantes os seus serviços jornalísticos.

(J.D.B.)

Bispo defende frei

Propriá (AGEN) — Em nome da diocese católica de Propriá (SE), o bispo d. José Palmeira Lessa publicou nota de solidariedade ao frei Enoque Salvador de Melo, que tem sido atacado pelos grandes fazendeiros da região, em particular em razão do projeto Barra da Onça, no município de Poço Redondo

Educação para a paz

Genebra (AGEN) — O padre Roger Schutz-Marsauche, de 73 anos, fundador da comunidade ecumênica de Taizé, na França, foi agraciado com o Prêmio Unesco de 1988 de Educação para a Paz, em "reconhecimento de sua obra a favor da paz, da reconciliação e da confiança entre os seres humanos". A comunidade ecumênica de Taizé foi criada em 1940. O educador brasileiro Paulo Freire já recebeu o Prêmio Educação para a Paz Unesco.



Imagem de Fátima no Brasil

Pela terceira vez, visitará 54 Dioceses, em 70 dias, de 1.º de setembro a 10 de novembro deste ano. A imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima,

esculpida conforme indicações de Irmã Lúcia, tem um metro e vinte de altura, pesa treze quilos, e percorre o mundo há 41 anos. Visitou nosso país, pela primeira vez, em 1953. No ano passado, voltou pela segunda vez, começando sua visita pelo Rio de Janeiro, peregrinando por 50 cidades e 33 Dioceses, de 18 de dezembro de 1987 a 18 de fevereiro de 1988. Desta vez, vai chegar ao Brasil por Salvador, na Bahia, que terá o privilégio de hospedar a Imagem Peregrina durante quatro dias. Outras informações com D. Raimundo Damasceno, em Brasília.

Morre d. Alberti

Ribeirão Preto (AGEN) — Faleceu, às 11:30h de 6 de agosto, o arcebispo de Ribeirão Preto (SP), d. Romeu Alberti. Com diabetes e anemia profunda, d. Romeu ficou em coma por vários dias. A 4 de agosto, o papa João Paulo II procedeu à benção apostólica ao arcebispo de Ribeirão Preto. Um dos pioneiros na liturgia em rádio e televisão no Brasil, d. Romeu coordenou a última reunião do regional Sul 1 da CNBB sobre a questão da comunicação, tema da Campanha da Fraternidade de 1989.

AVISO AOS ASSINANTES

Brevemente, o representante da Revista AVE MARIA, João Menezes estará visitando as seguintes cidades paulistas: Jundiá, Louveira, Vinhedo, Valinhos.



O encerramento do ano mariano

No dia 14 de agosto último, um domingo, marcou o encerramento do Ano Mariano, da Arquidiocese de São Paulo, com uma romaria, que levou centenas de fiéis a Aparecida do Norte. A Eucaristia, presidida por dom Paulo Evaristo Arns, foi o momento forte, sendo ressaltada a alegria e a esperança no desenvolvimento da Igreja de São Paulo. Depois da celebração houve uma caminhada organizada pela Pastoral da Juventude, rememorando a viasacra nas suas 15 estações até o Morro do Cruzeiro, localizado no ponto mais alto da cidade de Aparecida com duas horas de trajeto.

Para a Igreja de São Paulo, também, o Ano Mariano apenas começou e não terminou em Aparecida. Continua em todas as comunidades porque a devoção mariana está presente no coração e na alma do povo. Segundo a mensagem de João Paulo II, o Ano Mariano não terminou, mas quis ser o fundamento para a caminhada na fé. Em segundo lugar, que cada cristão seja no mundo um mensageiro de paz.

Os cristãos católicos de todo mundo junto ao San-

to Padre João Paulo II, se uniram para celebrar de inúmeras maneiras o encerramento do Ano Mariano, iniciado na festa de Pentecostes a 7 de junho de 1987 e concluído no dia de Nossa Senhora da Assunção, 15 de agosto em Roma. João Paulo fez o encerramento com uma celebração Eucarística na presença de 20 mil pessoas. Apontou a Virgem Maria como guia da humanidade "em seu êxodo em direção ao futuro".

Enfim, todos os estudos bíblicos e teológicos, as centenas de congressos marianos realizados em todo o mundo, valeram a pena, como um novo impulso à fé, que nos acompanhará até o final deste século. O povo aprendeu de Maria o amor de Deus e o serviço ao próximo. As pessoas refletiram sobre o papel de Maria na história da redenção, a sua mediação maternal, e a força de exemplo que sua fé representa para os cristãos de todos os tempos. Alcançou-se por meio dessas reflexões, uma volta à devoção de Nossa Senhora, sem os desvios ocorridos no passado (um devocionismo exagerado, com risco até da prática do culto de imagens, uma pretensão tal, que muitos colocavam Jesus Cristo num segundo plano).

As celebrações do Ano Mariano colaboraram para que surgisse uma reavivescência do movimento mariano no País, como resultado de uma fé mais esclarecida depois de uma década de silêncio sobre Maria.

O que está garantido na Constituinte

DIREITO DE GREVE

O direito de greve aprovado pela Constituinte, diz que "é assegurado o direito de greve, competindo aos trabalhadores decidir sobre a oportunidade e os interesses que devam por meio dele defender". No parágrafo 1.º deste artigo, é dito que a lei definirá os serviços ou atividades essenciais e disporá sobre o atendimento das necessidades inadiáveis da comunidade. O parágrafo 2.º expressa que os abusos cometidos sujeitam os responsáveis às penas da lei.

ESTABILIDADE SINDICAL

Apesar das tentativas dos grupos que tinham por objetivo garantir a estabilidade apenas aos candidatos a cargo de direção, a Constituinte optou por ampliar essa conquista aos representantes sindicais e seus suplentes, até por um ano após o término do mandato. Dentro do mesmo ponto foi ainda assegurada a participação de trabalhadores e empregados nos colegiados de órgãos públicos, que deliberam sobre seus interesses profissionais e previdenciários. Aprovou-se, também, a garantia constitucional da eleição de um representante dos empregados, nas empresas com mais de 200 empregados, cuja finalidade exclusiva será a de promover-lhes o entendimento com os empregadores.

LICENÇA-PATERNIDADE

Tema pendente nas votações dos direitos dos trabalhadores, a licença-paternidade, definiu-se finalmente por meio de uma alteração do dispositivo originalmente votado em primeiro turno. Desta forma, optou-se por garantir o princípio da licença no texto constitucional permanente, sem a delimitação do prazo, que deverá ser regulamentado por lei complementar. Os constituintes, na tentativa de suprir a lacuna, que deverá existir até que o Congresso Nacional se reúna, para elaborar as leis regulamentadoras, optaram por assegurar, nas Disposições Transitórias, uma licença-paternidade de cinco dias, que começa a vigorar a partir da promulgação da nova Carta.

AVISO PRÉVIO

Ficou mantido o texto aprovado em primeiro turno, assegurando aviso prévio proporcional ao tempo de serviço, sendo no mínimo de trinta dias, nos termos da lei. Apesar de depender de lei posterior para ser regulamentado, o dispositivo garantiu o prazo mínimo de 30 dias, entendido como uma compensação pelo não atendimento da reivindicação da proteção contra a demissão imotivada.

VOTO/16 ANOS

Apesar de ainda não poderem utilizar dessa garantia nas próximas eleições municipais de 15 de novembro, os jovens entre 16 e 18 anos poderão votar nas eleições presidenciais, marcadas para o ano que vem, abrindo, assim, uma perspectiva de 7 milhões de novos eleitores, que poderão influir decisivamente nas questões eleitorais.

OUTUBRO

Pe. André Carbonera

Mês muito significativo.

Todos o são. Porém, outubro é outubro!...

Sem dúvida, uma época muito rica, muito especial.

Outubro: mês da criança.

Criança! Quem tiver a felicidade de contemplar e de perceber o sorriso inocente e divino de uma criança... vai se maravilhar. É coisa linda! Será um privilegiado! Falando nisso, como tratamos as crianças? O que ensinamos a elas? O que lhes dizemos do mundo, das coisas, das pessoas, de Deus? Muita gente, infelizmente, ensina bobagens às crianças. Confundem liberdade com liberalidade. Lamentável... "Ai de quem escandalizar", diz Jesus...

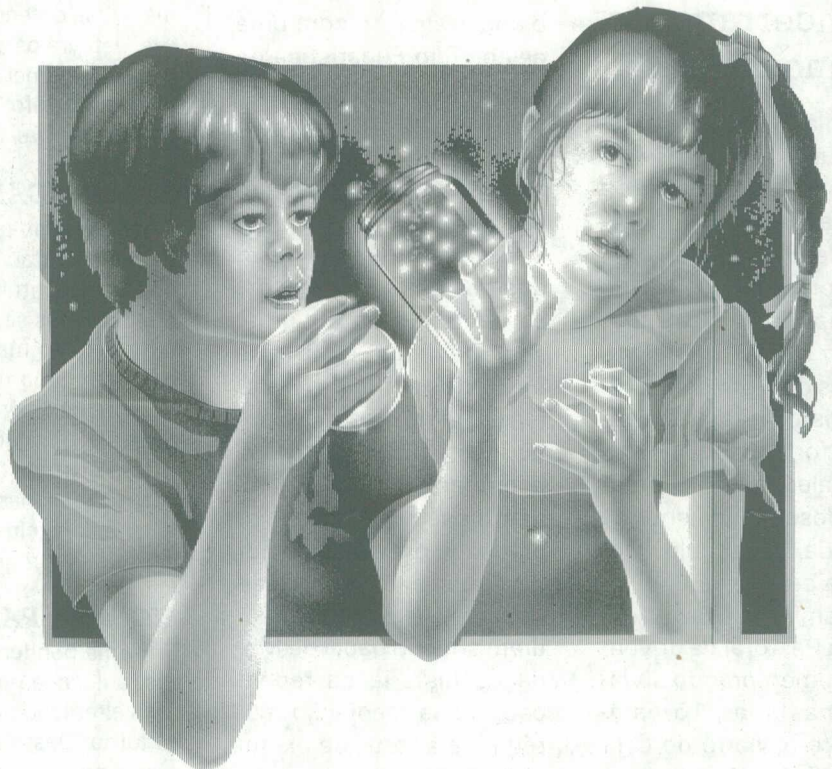
Outubro: mês de São Francisco.

Eta, Chiquinho, ou, São Chicão! O santo da simplicidade, da paz. Muitos se dizem parecidos com São Francisco, porque "adoram" animais e zelam pelos animais. Mas se esquecem de zelar pelo próximo, se esquecem de amá-lo. São Francisco era apaixonado pela irmã natureza, pelo irmão sol, pela irmã lua, pelo irmão passarinho, pelo irmão gato, pelo irmão cachorro, porém, não vivia imundo, nem cheirava mal. Era amante da pobreza, não da miséria...

Outubro: mês do Anjo da Guarda.

As crianças gostam muito de se vestirem como anjos, ou seja, com vestidinhos, com asinhas, com corinhas. As mães, então, têm verdadeira paixão.

— Minha garotinha será "anjinho", sabia? Entretanto, na vida real, as mesmas mães não se preocupam muito em orientar as crianças para "os anjos" e para Jesus. Sim,



não, não, sim... Ainda bem que as crianças se tornam "anjos" por alguns minutos!... Sejam otimistas!

Outubro: Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil e Mãe de Jesus, Salvador.

Esquisito! Alguns descrentes possuem verdadeira ojeriza pela Virgem Santa. Cegos pelo fanatismo não conseguem aceitar que para Deus tudo é possível. Para Deus que pode fazer nascer das pedras filhos de Abraão, como diz a Bíblia, também pode fazer nascer da Virgem o Messias.

Outubro: mês do Professor.

Tadinho do Professor. Ainda mais agora, depois de inúmeras greves pelo Brasil da Santa Cruz. O professor responsável pela educação de nossa gente têm sido tão despresti-

giado que só mesmo o otimismo e a esperança os têm mantido unidos nas reivindicações. Vocês se lembram do famoso "slogan": Hei de vencer, mesmo sendo professor?!...

Outubro: mês das Missões. Muita gente, muita gente mesmo está precisando conhecer Jesus Cristo e sua Boa Nova. Esse tempo é o tempo (não espere outro) de anunciar a fraternidade, a justiça, a paz... Amor e alegria, já!...

Outubro: Mês do Santo Rosário. Taí uma devoção de filho prá mãe. Mãe de Jesus e nossa Mãe. Lembrar-se dela e meditar com fé os mistérios da salvação ajuda a viver como filho de Deus. Mãe de Jesus, Nossa Senhora do Rosário rogai por nós, que recorremos a Vós!...

Amém!...

NEGRA APARECIDA

Pe. Isidoro de Nadai

Não há muito, a coluna denominada cristã, de um de nossos jornais, se rebelava contra o que ela classifica de graves distorções em relação aos títulos atribuídos a Nossa Senhora por parte da Igreja da Libertação.

Protestava pelo fato de se cantar à “Virgem Morena”, quando se refere a Nossa Senhora de Guadalupe, no México, e à “Virgem Negra”, ao se reportar a Nossa Senhora Aparecida.

Naturalmente, a colunista está em seu papel, enquanto se posiciona ideologicamente ao lado dos brancos e dos bafejados pela sorte, ou melhor, pelos azares da injustiça e das discriminações.

Sei que a referida pessoa protestará veementemente contra esta interpretação. Indignar-se-á por ser tachada de ideologista, pois não pretende ser senão testemunha cristã. Acontece que, mesmo sem querer e sem se aperceber, a gente se posiciona de um lado ou do outro.

Não quero condenar ninguém. Não tenho credenciais, nem estofo moral e psicológico para isso. Pretendo tão somente observar que Nossa Senhora, como Cristo, tem todos os rostos humanos, exceto o rosto dos injustos, dos discriminadores, dos exploradores, porque estes são desumanos...

A história real de Nossa Senhora de Guadalupe, Padroeira da América Latina, é a história da Virgem bondosa que faz questão de valorizar Diego, o indiozinho humil-



de, que lhe ponderava que se servisse de gente mais importante, dos brancos europeus, pois ele não passava de “um pobre coitado, homem humilde e plebeu”.

Não é de agora, é dos primórdios que ela recebeu os nomes carinhosos de “indianita” e de “morenita”, pois foi assim que ela apareceu no manto de Diego, numa pintura não feita por mãos humanas. Foi Nossa Senhora que assim se pintou.

Querer colori-la de branco é ideologia e não história.

Por sua vez, a história de Nossa Senhora Aparecida tem dois momentos. Era branca, antes de ter sido jogada nas águas do Paraíba, para espantar a terrível serpente que amedrontava os moradores das margens. Quando foi apanhada nas redes do humilde pescador João Alves, era negra.

E aí começa uma história bem diversa. Já não é só, nem principalmente, a Nossa Senhora dos brancos, dos colonizadores. É a Virgem negra, protetora dos humildes, dos

negros e de todos os humilhados e oprimidos. Tanto assim, que um dos principais milagres atribuídos a Nossa Senhora Aparecida é o realizado em favor de um escravo, cujas correntes se rebentaram diante da Igreja e que se conservam até hoje no Santuário, como testemunha do amor e da ternura da “Aparecida” pelos escravos. A Virgem que se havia tornado negra não podia deixar de ser aquela que quebraria as correntes injustas, principalmente das que prendiam e humilhavam milhares de pessoas arrancadas do solo africano e feitas escravas para servirem aos interesses econômicos dos privilegiados.

Por tudo isso e por muito mais, se vê que não há nada de blasfemo ou de atrevido em cantar com o lutador de alma e de lira de poeta, Pedro Casaldáliga:

“Canta sobre o monte tua profecia que derruba os ricos e os grandes, Maria. Ergue os submetidos, marca os renegados, samba na alegria dos pés congregateados.

*Encoraja os gritos
Acende os olhares
Ajunta os escravos em novos
Palmares.
Desce novamente às redes da vida
do teu povo negro, negra
Aparecida!”*

A “memória” de Maria em nossas igrejas tem ficado, às vezes, recortada seletivamente por alguns esquecimentos. Caíram no esquecimento alguns de seus testemunhos evangélicos, ou foram reinterpretados parcialmente. Nesse caso, é de supor que não se tem feito justiça a toda verdade sobre Maria.

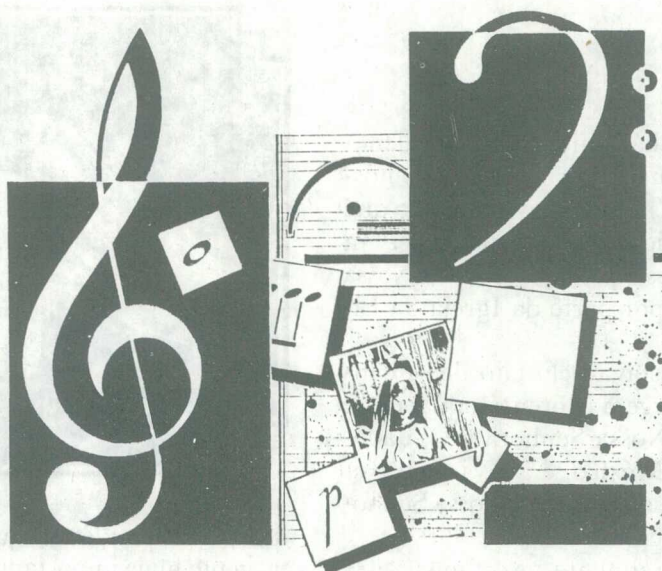
Um dos aspectos esquecidos ou parcialmente interpretados na doutrina e devoção a Maria é o Magnificat. Esta afirmação é válida, mesmo quando a liturgia da Igreja, especialmente na oração das vésperas, rememora diariamente esse canto de Maria. A questão é outra: em que o cântico Magnificat afeta a imagem convencional de Maria em meio ao povo fiel a Deus? Que imagem de Maria emerge de um cântico como esse?

A encíclica Redemptoris Mater dedica algumas reflexões ao cântico de Maria.

A Igreja, que tem seu protótipo em Maria, pode e deve definir-se como a Igreja do Magnificat.

O Magnificat da Igreja que caminha

José C. R. García Paredes



A Igreja em busca da união dos que que professam sua fé

“A Igreja, na fase atual de seu caminho, trata de buscar a união daqueles que professam sua fé em Cristo para manifestar a obediência a seu Senhor que, antes da paixão, rezou por essa unidade” (RM, 35). A unidade das diversas religiões cristãs não é algo optativo. É uma ordem do Senhor. Foi o grande objetivo da oração de Jesus ao Pai antes de sua hora suprema. Nenhum cristão pode inibir-se diante da desunião daqueles que crêem em Cristo. Essa história de desunião, que perdura há séculos, é realmente escandalosa.

Será que quando as igrejas cristãs buscarem sua unidade encontrarão em Maria um obstáculo para conseguí-la? Já se disse que os grandes motivos de desunião dos cristãos são três: o Papa, Maria e a Eucaris-

tia. Como isso è possível? Referindo-nos mais concretamente a Maria, como é possível que aquela que foi a “primeira fiel” possa ser motivo de divisão? Maria é o ícone da igreja indivisível. “Maria não poderia ser um sinal de esperança para todos aqueles que, no diálogo fraterno, querem aprofundar sua obediência à fé?” (RM, 33). Em outro momento, exclama o Papa: “Por que não olhar para ela todos juntos como nossa mãe comum, que reza pela unidade da família de Deus e que todos ‘precede’ à frente do grande séquito das testemunhas da fé no único Senhor, o filho de Deus, concebido em seu seio virginal por obra do Espírito Santo?” (RM, 30).

O itinerário da fé de Maria convergiu com o itinerário da fé da igreja apostólica e com ele se fundiu para sempre. “A virgem mãe está constantemente presente nesse caminho de fé do povo de Deus em direção à luz” (RM, 35). Na busca da uni-

dade na fé, Maria, a primeira fiel, deve converter-se em ponto de encontro de todos os fiéis. Quando isto não ocorre, é bem provável que em um ou outro credo a imagem de Maria sofra deformações de um ou de outro tipo. O Concílio Vaticano II não pôde ser mais contundente ao pedir aos católicos: “Evitem zelosamente tudo aquilo que, seja palavra, seja obra, possa induzir a erro os irmãos separados ou quaisquer outros sobre a verdadeira doutrina da Igreja” (LG, 67). Não deixa de ser preocupante que certas mariologias e panegíricos sobre Maria sejam tão pouco sensíveis à dimensão ecumênica e que, às vezes, se revistam de certo caráter polêmico, de confrontação. Em troca, uma mariologia que baseia todos os seus alicerces na palavra de Deus, interpretada harmônica e sinfonicamente, e que reconhece como sendo da Igreja o poder e o carisma de ler, reler e interpretar essa palavra a partir do Espírito, é um dos principais pressupostos para se conseguir a *comunhão* na fé.

Um ponto de convergência pode ser, e é de fato em certas ocasiões, o cântico do *Magnificat*. Maria do *Magnificat* é admirada por protestantes, ortodoxos e católicos. Vamos analisar essa mensagem e a imagem de Maria, que dela deriva.

O *Magnificat*, um cântico de profunda fé

A oração é a expressão e a visualização mais inequívoca da fé. Quando um homem ou uma mulher se apóiam incondicionalmente em Deus, nele colocam seu destino e a ele o confiam, apesar de todas as contradições, encarnando na oração seus sentimentos e atitudes fundamentais. Por isso, o *Magnificat*, oração de louvor e agradecimento a Deus, hino escatológico que canta os louvores definitivos de Deus, condensa a fé de Maria e delinea o rosto de Deus em quem Maria crê.

Os especialistas investigam a origem do *Magnificat*. A resposta mais

provável é a que o evangelista Lucas adaptou um hino preexistente de sua comunidade, aplicando-o à situação de Maria, como uma resposta dela à maravilhosa ação de Deus. A comunidade judaico-cristã de Lucas, formada por pobres e humildes, celebrava nesse hino a salvação que Deus concede aos humildes, aos necessitados. Lucas considera Maria uma porta-voz do povo humilde, do “resto de Israel”, como “a primeira dos *anawin*”. Lucas entendia que a Igreja era, antes de tudo, uma comunidade de fé. Uma fé que supera todas as contradições da história. Maria era para aquela comunidade a “bem-aventurada por sua fé”, a “humilhada em quem Deus havia posto seus olhos de graça”. A comunidade judaico-cristã de Lucas, autora talvez do *Magnificat*, sabe que a proto-autora, a melhor intérprete desse hino, era Maria, a mãe de Jesus.

O *Magnificat* não pode ser compreendido sem Maria. Tampouco sem a Igreja. “Só há uma virgem-mãe e gosto de chamá-la Igreja”, dizia São Clemente de Alexandria. Maria-Igreja é a que expressa seus sentimentos mais profundos no *Magnificat*. “O *Magnificat* não expressa apenas os sentimentos de Maria, que ainda não deu à luz o Messias; expressa também os sentimentos da comunidade cristã que experimentou a vitória de Deus sobre a morte de Jesus na ressurreição” (J.C.R.G. Paredes. *Maria, a mulher do Reino de Deus*. São Paulo, AM edições, 1985).

A fé de Maria, isto é, a fé da Igreja, expressa-se neste cântico. “O cântico do *Magnificat*, saído da fé profunda de Maria na visitação, não deixa de vibrar no coração da Igreja através dos séculos” (RM, 35). De fato, a Igreja acompanha, como um coro polifônico, a voz de Maria no *Magnificat*. “Isto é comprovado na recitação diária da liturgia das vésperas e em outros muitos momentos de devoção, tanto pessoal como comunitária” (RM, 35).

O evangelista Lucas nos faz ver

como a saudação de Isabel à mãe do Senhor permite que a fé de Maria “adquira uma nova consciência e uma breve expressão. Aquilo que no momento da anunciação permanecia oculto na profundidade da obediência à fé, manifesta-se agora como uma chama do espírito, clara e vivificante. As palavras usadas por Maria no umbral da casa de Isabel constituem uma inspirada profissão de fé, na qual a resposta à palavra da revelação se expressa com elevação espiritual e poética de todo seu ser até Deus” (RM, 36).

Embora não se trate de um texto autobiográfico, o *Magnificat*, inspirado pelos textos sagrados do povo de Israel, nos faz “vislumbrar a experiência pessoal de Maria, o êxtase de seu coração” (RM, 36). O evangelista Lucas estava consciente da identificação total entre Maria e o *Magnificat*. E mais: ele propõe à Igreja o *Magnificat* como expressão da alma de Maria, de sua profundíssima fé. É a melhor resposta humana que se pode dar à proposta de Deus.

O *Magnificat*, resposta de Maria à sua vocação e à revelação de Deus

O evangelista Lucas faz-nos ver no *Magnificat* que tipo de relação mantém Maria com o Deus que a ama. Deus aparece no canto de Maria como “o Senhor” (Lucas 1, 46). “Deus, meu Salvador” (1, 47). “o poderoso que nela faz maravilhas” (1, 49), “o santo” (1, 49). “o misericordioso de geração em geração” (1, 55), “o que põe seus olhos na humilhação de sua serva” (1, 48). Este Deus, próximo e transcendente, não aparece como Deus Pai, mas como um Deus de graça, especialmente dedicado aos mais pobres e humilhados; volta seu rosto para eles e quer instaurar seu Reino para trazer-lhes libertação, alegria. O Deus a quem Maria reconhece no *Magnificat* não é o Pai, não é o Esposo. Ela não estabelece com ele uma re-



lação filial ou esponsal, mas de profunda dependência e obediência, como expressam os termos “Senhor-serva”, “Salvador-humilhação”, “grandeza-limitação”, “Poderoso-impotência”. O Deus de Maria é, acima de tudo, o libertador, o salvador, o Deus do Reino. Maria sente-se chamada a participar desse acontecimento. E com ele há de colaborar com sua maternidade.

E qual foi a resposta que Maria deu ao Deus que a chamou? Nenhum relato de vocação termina com uma fórmula tão expressiva de plena adesão à vontade do Senhor como aquele com o qual Maria adere ao plano divino: “Eis-me aqui, sou a serva do Senhor. Cumpra-se em mim o que foi dito” (Lucas 1, 38). A acolhida de Maria à proposta vocacional de Deus expressa-se principalmente no admirável paralelismo que ocorre entre as palavras que relatam a vocação e o cântico do *Magnificat*; este constitui, doxologicamente, a resposta de Maria. Vejamos.

Gabriel pede a Maria: “Alegre-se!” (1, 28) e Maria responde: “Alegre-se meu espírito em Deus”

(1, 47). O anjo lhe diz: “Você manifestou graça diante de Deus” (1, 30); ela reconhece, dizendo: “Ele pôs seus olhos na humilhação de sua serva” (1, 48). Gabriel recomenda a Maria: “Em quem você porá o nome de Jesus” (1, 31), que significa “salvador”; e ela se alegra em Deus, “meu salvador” (1, 47). É-lhe depois anunciado que seu filho “será grande” (1, 32) e Maria exclama: “Minha alma se engrandece no Senhor” (1, 46). O anjo anuncia-lhe que seu filho “reinará pelos séculos dos séculos e seu Reino não terá fim” (1, 33) e Maria faz um elogio ao Reino de Deus, como desdobramento do poder de seu braço que revoluciona messianicamente a situação da humanidade (1, 51-53). Maria reconhece que foi realmente “agraciada” (1, 28), porque “o Poderoso fez maravilhas a meu favor” (1, 49). O anúncio do reinado eterno (1, 33) é interpretado por Maria no *Magnificat* como o cumprimento da “misericórdia em favor de Abraão e sua descendência por todos os séculos” (1, 55). Não se poderia expressar literariamente melhor a correspondência entre o cha-

mado de Deus e a acolhida que lhe dispensa Maria (J. C. R. G. Paredes. *Maria, a perfeita seguidora de Jesus. Vocação e discipulado. In Maria na vida religiosa. Compromisso e fidelidade.* Madri, Publicações Claretianas, 1986).

A *Redemptoris Mater*, contudo, não se restringe à vocação de Maria como tal e à resposta vocacional. A perspectiva assumida é mais centrada na “revelação-fé”. Na anunciação, Maria recebe a nova e definitiva revelação de Deus; revelação na qual Deus não só se faz reconhecer, mas também se “auto-doa”. Maria vê-se agraciada com a verdade profunda de Deus e da salvação do homem. Maria descobre-se a si mesma, como o próprio centro da comunicação reveladora de Deus ao povo; “ela está consciente de que nela se realiza a promessa feita aos antepassados e, acima de tudo, ‘em favor de Abraão e sua descendência para sempre’; de que para ela, como mãe de Cristo, converge toda a salvação, na qual, ‘de geração em geração’, se manifesta aquela que, como Deus da Aliança, se lembra ‘da misericórdia’” (RM, 36).

O Magnificat da Igreja: sua verdade sobre Deus

Quando a Igreja pronuncia o *Magnificat* e se identifica com os sentimentos mais íntimos de Maria, “chega à verdade sobre o Deus da Aliança” (RM, 37). No *Magnificat*, Maria, e com ela a Igreja, proclamam a verdade sobre Deus; verdade não ofuscada pela dúvida, pela suspeita; verdade que nasce de um agraciamento, acolhido sem reservas. O *Magnificat* não é o canto da primeira Eva. Só pode ser colocado na boca da segunda Eva. A verdade sobre Deus não é uma verdade teórica, mas histórica, uma verdade que acontece. É a verdade de um Deus que se dá em seu filho, depois de ter criado o homem à sua imagem e semelhança e ter-se eleito misericordiosamente um povo. “Ma-

ria é a primeira testemunha desta maravilhosa verdade sobre Deus, que se realizará plenamente mediante o que fez e ensinou seu filho, e, definitivamente, mediante sua cruz e ressurreição” (RM 37).

O *Magnificat* anuncia, além disso, a verdade sobre o homem, porque anuncia a verdade da paixão misericordiosa de Deus por ele. O Deus do *Magnificat* está voltado totalmente para o homem, especialmente para os mais pobres e humildes.

O *Magnificat* e o amor preferencial pelos pobres

O Deus a quem o *Magnificat* proclama está orientado para os homens, em especial para os fracos, os pobres, os infelizes, os desgraçados, os oprimidos; privilegia o humilde, o humilhado, aqueles aos quais não se concede o direito à existência.

“O Deus do *Magnificat* não deve ser interessadamente espiritualizado. As divisões e diferenças sócio-políticas são valorizadas teologicamente: Deus enfrenta-se com os ricos, com os soberbos e opressores; Deus tem pena dos pobres, dos humilhados, dos oprimidos. Denunciando o divórcio entre moral e religião, o *Magnificat* nos diz que Deus está presente tanto na ação litúrgica como nas relações sociais. Aceita o louvor daquele que reconhece como Senhor, mas não quer que a liturgia compense o apoio negado aos pobres e a opressão exercida sobre os pequenos. Quem reconhece a Deus como seu Senhor, deve estimar todo homem como irmão.

O discurso da bem-aventurança dos pobres, que Lucas articula dramaticamente com as mal-aventuranças dos ricos (Lucas 6, 20-26), é antecipado no *Magnificat*. O Evangelho do Reino é uma boa notícia para os pobres e humilhados. Maria proclama por antecipação o Evangelho. O menino que Maria leva em seu seio é a resposta de Deus às aspirações religiosas daqueles que o te-

mem, às aspirações políticas e sociais dos fracos e marginalizados, às aspirações nacionais do povo judeu. Por isso, Lucas inclui Maria entre as filhas de Israel (“nossos pais”), entre os que temem a Deus e estão totalmente a seu serviço, entre a classe social mais humilde, a dos pequenos, fracos e pobres. Maria fica inserida entre os ‘taciturnos do país’, entre os pobres; com isso, podemos muito bem formular a hipótese de que havia razões históricas que autorizavam Lucas a apresentar Maria como a profetisa da subversão messiânica de todos os valores (P. Schmidt)... Maria é proclamada não porque mobilizara as massas, não por seus protestos sócio-políticos, não por seus gestos grandiloquentes, mas por sua solidariedade amorosa, desprovida de vingança e ressentimento para com os pobres e humilhados e, como raiz de tudo, por sua confiança ilimitada na força transformadora que emana do Deus a quem adora” (J.C.R.G. Paredes. *Maria, a mulher do Reino de Deus*. São Paulo, AM edições, 1985).

Maria anuncia no *Magnificat* a vinda do “Messias dos pobres”, o Deus que os ama preferencialmente. Por isso, a “Igreja, atendendo ao chamdo do coração de Maria, à profundidade de sua fé, expressada nas palavras do *Magnificat*, renova cada vez melhor em si a consciência de que não pode separar a verdade sobre Deus que salva, sobre Deus que é fonte de todo dom, da manifestação de seu amor preferencial pelos pobres e humildes, que, cantado no *Magnificat*, se encontra depois expresso nas palavras e obras de Jesus” (RM, 37).

É importante ressaltar que a encíclica explicita um aspecto cada vez mais vivo e mais sentido nas Igrejas cristãs, nas quais se fez uma clara “opção pelos pobres”. A exemplaridade de Maria sobre a Igreja não pode prescindir desse aspecto, talvez o maior sinal dos tempos: “a opção preferencial pelos pobres”. A devoção a Maria não é completa, se prescindir desse elemento nuclear da ver-

dade sobre Deus e da verdade sobre Maria.

Não está em plena comunhão com Maria aquele que não se insere dentro desta opção eclesial pelos mais pobres e por sua libertação. “Deve-se salvaguardar cuidadosamente a importância que os pobres e a opção em favor dos pobres têm na palavra de Deus” (RM, 37).

“Dependendo totalmente de Deus e plenamente orientada para ele pela força de sua fé, Maria, ao lado de seu filho, é a imagem mais perfeita da liberdade e da libertação da humanidade e de todo o universo. A Igreja deve olhar para ela, mãe e modelo, para compreender em sua integridade o sentido de sua missão” (Congregação para a doutrina da fé. *Instrução sobre liberdade cristã e libertação* (22 de março de 1986), 97; RM, 37).

Sumário

A verdade sobre Maria — como já vimos — tem de novo uma força impressionante. Sua fé, como obediência à “palavra de Deus”, é a chave para criar a unidade entre as religiões cristãs. Sua fé centraliza-se no Deus que chama e se revela. Não num deus construído “interessadamente” por nós. Não num ídolo à nossa imagem e semelhança. Mas no Deus da palavra de Deus, da história da salvação. Fé no Deus que leva em seu coração a causa do homem, especialmente do pobre, do fraco. Fé no Deus que liberta o homem de todas as suas escravidões. Fé que é proclamação, confissão e sobretudo oração. Maria do *Magnificat* é o ponto de convergência de todas as religiões cristãs. É o ícone da unidade baseada na verdade sobre Deus, na oração místico-política, na opção profunda pelos pobres, que seja expressão da paixão de Deus por seu povo. ■

(José Cristo Rey García Paredes é sacerdote claretiano, professor de teologia e diretor da revista “Vida Religiosa” em Madri — Espanha).

M A R I A

RAINHA DO SANTO ROSÁRIO

Mauro Zequin Custódio, c.m.f.



A Igreja, no início do século XIII, viu-se assaltada por uma terrível heresia, comandada por dois senhores feudais da região de Albi, na França. Os adeptos, denominados *albigenses*, formavam uma igreja secreta, na qual o pensamento dualista e a hostilidade à Igreja católica chegavam até à violência das armas: queimavam as igrejas, profanavam as imagens dos santos e perseguiram os católicos, espalhando por toda parte o terror.

Para combater esta heresia Inocêncio III encarregou o cônego Domingos de Gusmão. Apesar de sua oração, vida de pobreza e grande eloquência, a obra missionária de São Domingos não conseguia resul-

tados muito positivos, uma vez que os albigenses haviam se constituído numa potência temível.

Certo dia, — conta a tradição —, estando Domingos em oração, a Virgem Maria apareceu-lhe sobre uma nuvem luminosa e ensinou-lhe uma oração, dando-lhe a garantia de que produziria resultados bem positivos na luta contra a heresia. Surgiu assim a devoção ao Rosário. Para propagar esta devoção do Saltério de Nossa Senhora, São Domingos fundou a Ordem dos Irmãos Pregadores (Dominicanos) que bem cedo se espalhou por toda a Europa.

A devoção do Santo Rosário ficou consagrada definitivamente a 7 de outubro de 1571, quando os cristãos venceram esplendidamente os turcos, numa batalha naval em Lepanto, no golfo de Corinto. Enquanto a armada cristã combatia desesperadamente contra os turcos, o povo, em Roma, rezava a oração ensinada por Nossa Senhora. Num gesto de gratidão à Mãe de Deus, Pio V instituiu a festa de Nossa Senhora das Vitórias, a fim de imortalizar o triunfo das forças cristãs. Mais tarde Gregório XIII, reconhecendo que a arma da vitória havia sido o Rosário, mudou o nome da festa para Nossa Senhora do Rosário. No século XIX todo o mês de outubro passou a ser dedicado a essa devoção.

Rezar o Rosário não significa apenas venerar Maria, mas, sobretudo, contemplar a ação salvífica de Jesus, em cujo centro está o amor misericordioso do Pai. Maria não só tomou parte no mistério salvífico do Filho, mas tornou-se a primeira e a mais perfeita redimida. ■

AM RESPONDE

FESTA DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA

O que foi feito da festa do Imaculado Coração de Maria? Será que ela perdeu seu significado?

Respondendo por partes:

1 — A festa apenas mudou de lugar no calendário litúrgico da Igreja, passando agora a ser colocada como "memória facultativa" (ou seja, celebração livre) no dia seguinte à festa do Coração de Jesus.

Com isto a Igreja nos quis mostrar a íntima relação entre o coração da Mãe e o coração do Filho. Vamos reconhecer: embora isso veio nos tirar o velho costume de celebrar o Coração de Maria a 22 de agosto, teologicamente colocou-se as coisas no devido lugar. Ou seja, tudo o que poderíamos dizer a respeito de Maria e do seu coração imaculado, deve ter como ponto de referência o seu Filho, de cujo Coração, ferido pela lança, correu sangue e água, figuras riquíssimas de seu amor por nós e dos sacramentos, canais de graça e fonte de santidade.

A festa litúrgica do Coração de Maria não poderia, pois, estar melhor situada.

2 — Quanto ao significado desta devoção vale recordar as palavras do grande promotor da devoção aos Sagrados Corações, S. João Eudes: "Quando veneramos o Coração de Maria, nós queremos honrar não apenas algum mistério ou ação de Maria e de sua vida, nem mesmo apenas sua própria pessoa, mas, sobretudo e principalmente a fonte e origem da santidade e da dignidade de todos os seus mistérios, ações, qualidades e de sua própria pessoa, ou seja, o seu amor e a sua caridade".

Dirija suas perguntas a:

AM RESPONDE

A/C Pe. Manoel Müller, cmf

Revista Ave Maria

Rua Martim Francisco, 656 E

4.º andar

01226 - São Paulo - SP

A presença e influência de Maria na missão universal da Igreja

(Mensagem do Santo Padre para o dia das Missões)

Em sua mensagem preparatória ao Dia Mundial das Missões (16/10), o Papa João Paulo II nos convida a refletir sobre um aspecto particular da evangelização: a presença de Maria na missão universal da Igreja. Em vista disso, a palavra do papa se alicerça em três reflexões missionárias e marianas:

I - Maria, estrela da evangelização e mãe de todos os povos

Maria é presença e influencia profundamente a atividade missionária da Igreja, ampara e inspira os fiéis e aqueles que anunciam o evangelho.

"... Onde quer que a Igreja desenvolva a sua atividade entre os povos, a atividade missionária, Maria está presente: presente cooperando como Mãe na regeneração e formação dos fiéis (cf. *Lumen Gentium*, 63); presente, como Estrela da Evangelização, segundo afirmou meu predecessor Paulo VI (cf. *Evangelii Nuntiandi*, 82), para guiar e confortar os arautos do Evangelho e sustentar na fé as novas comunidades cristãs, nascidas do anúncio missionário, com o poder da palavra e a graça do Espírito Santo."

II - Maria, modelo de consagração à missão

Discorrendo sobre a realidade de dois terços da humanidade que ignoram a Cristo, João Paulo II exorta sobre a importância das vocações mis-



sionárias para a Igreja, tão necessárias para a difusão do Evangelho. Incentiva os leigos a assumirem também a causa do serviço missionário, assim como a abertura das Igrejas Antigas para a missão universal na Ásia, África e América Latina.

"A Igreja, na sua vocação e solicitude evangelizadora, toma como exemplo e estímulo Maria, a primeira evangelizada (cf. *Lc. 1, 26, 38*) e a primeira evangelizadora (cf. *Lc. 1, 39-56*). Ela acolheu com fé a boa nova da salvação, transformando-a em anúncio, canto, profecia. Ela deu a todos os homens a melhor diretiva espiritual que eles nunca tinham recebido: "Fazei tudo aquilo que (Jesus) vos disser" (*Jo 2, 5*). Na escola de Maria, a Igreja aprende a consagrar-se à missão.

Os arautos do Evangelho, muitas vezes ignorados, esquecidos ou perseguidos, que consomem a vida na vanguarda da missão da Igreja, encontram um modelo perfeito de dedicação e de fidelidade em Maria que "se consagrou totalmente como Serva do Senhor à pessoa e à obra do Filho" (*Lumen gentium*, 56)".

III - Como preparar um novo advento missionário com Maria

A mensagem papal conclui lembrando a responsabilidade que todos os cristãos têm e, em especial as famílias, de cultivar as vocações missionárias, tendo em vista, principalmente, preparar o advento do Reino de Deus, a exemplo de Maria que preparou a primeira vinda do Senhor. Com especial atenção dirigiu-se aos jovens:

"Não posso concluir esta minha mensagem sem abrir meu coração especialmente a vós, Jovens, que sois o sinal da vitalidade e a grande esperança da Igreja. O futuro da missão e das vocações missionárias está ligado à vossa generosidade na resposta ao chamamento de Deus, ao seu convite a consagrar a vida ao anúncio do Evangelho. Com Maria aprendei vós a dizer o "sim" de adesão plena, alegre e fiel à vontade do Pai e ao seu projeto de amor.

Nossa Senhora que invocamos como Mãe da Igreja e de todos os povos, interceda junto ao seu Filho, para que um novo Pentecostes anime todos aqueles que, com o Batismo, receberam o dom inestimável da fé. Que Ela os torne sempre cada vez mais conscientes da sua responsabilidade missionária, para que, por meio da sua perseverança e generosidade, seja anunciado a todos os povos o Evangelho, e a fé em Cristo leve luz e salvação a todo o mundo".

(JOÃO PAULO II, Vaticano, 22 de maio. Solenidade de Pentecostes, 1988.)

Os missionários e os meios de comunicação

Avelino S. Godoy

Segundo o Anuário Estatístico da Igreja, que contém as cifras oficiais até junho de 1985, a mais alta concentração de católicos se encontra na América Latina, com 63,4%, seguida da Europa com 39,9%, da Oceania com 26,4%, da África com 13,1% e da Ásia com 2,5%. Até esta data os católicos no mundo eram em torno de 825 milhões, correspondendo a 18% da população mundial, que beirava os 5 bilhões de pessoas.



Na fachada da Universidade Islâmica de Al Azhar, no Cairo, exibe-se um luminoso, onde se lê a frase: "UM BILHÃO DE MUÇULMANOS". Esta universidade é o mais importante centro fundamentalista do Egito e a frase traduz a ambiciosa e consciente previsão do número de seguidores do profeta Maomé no ano 2.000, um bilhão de Muçulmanos.

Quer seja fanatismo, orgulho ou paixão missionária, a frase não se encontra em cima de um templo ou algum outro local de oração, mas na frente de uma universidade, que é a expressão cultural de um país. Para nós este ato seria causa de escárnio,

presunção, respeito humano, devido a nossa "alta secularidade". Isto sirva de alerta aos cristãos, já que no ano 2.000 Maomé poderá superar em adeptos o próprio Jesus Cristo, se a consciência missionária dos cristãos não evoluir.

O que é que acontece com a fé que a cada dia fenece, fica seca e é consumida pelo fogo do desamor, do desamor, da materialização da própria alma? Quem são os cristãos e onde estão os cristãos? Qual a sua missão? Que significa o mundo para os cristãos e os cristãos para o mundo? Todas são perguntas que estão como que paradas no tempo

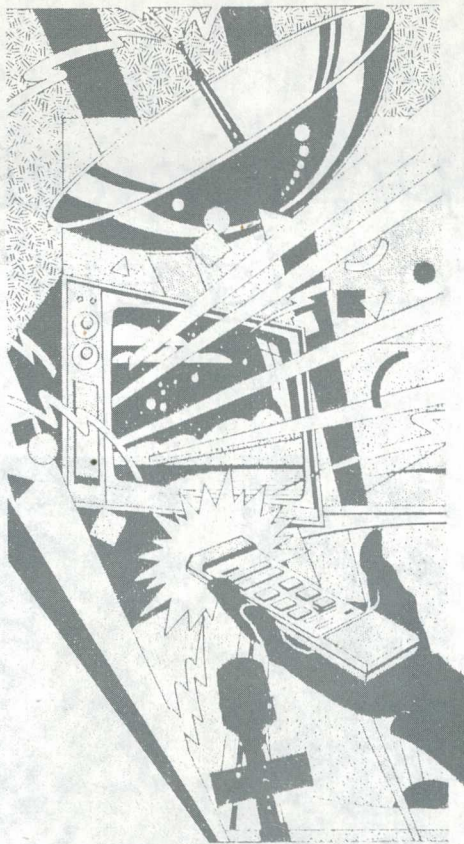
esperando respostas convincentes e atuantes, qual fermento na massa, que cresce a olhos vistos.

A missão de evangelizar não é consequência da ação da Igreja. Pelo contrário, é a missão que promove a igreja. A Igreja não existiria sem a missão. De fato, Jesus enviou os apóstolos para construir o Reino: "ide, pregai o evangelho e espalhai a Boa Nova do Reino, que chegou." A Igreja é o instrumento e sinal do Reino, embora não de uma forma exclusiva. Por isso, os missionários têm a função de manter a igreja no serviço pelo Reino e lembrar-lhe que não pode reduzir-se e agir em vista do seu próprio crescimento e de sua organização.

Os missionários, propriamente ditos, instituídos pela igreja, são colocados como sinal de esperança para o povo, têm por vocação escolher radicalmente os pobres — os mais necessitados e em maior número. Essa escolha os faz destemidos no testemunho profético do dia-a-dia, os coloca na linha de frente, livres de qualquer comprometimento. Por outro lado, se cristão, sou também missionário, sou testemunho de vida e não lego a alguém testemunhar por mim. Sou o fermento vivo.

A passividade do mundo contemporâneo é que precisa acabar; veja-se o que acontece com os jovens e as crianças, cada vez mais magnetizados pela TV-Mania. Segundo o sociólogo italiano Gino Della Casa, entre os Jovens a "video-dependência é total e generalizada". Quando os cristãos se decidirem a usar e investir nos grandes meios de comunicação para lançar a Boa Nova antes de perder, definitivamente, o trem da comunicação? Os meios de comunicação são armas extraordinárias, servem tanto para construir como para destruir. Educar ou perverter. Tudo depende de quem os manipula.

O Vídeo está aí. Chegando fácil e no lugar ideal a quase todos os lares brasileiros, mesmo aos mais longínquos, massificando tudo, rompendo as tradições, costumes, regio-



nalismos; vendendo a imagem utópica da vida, levando muitos à frustração, à inanição. O mal avança imbutido com a maravilha da eletrônica.

Os homens de boa vontade para não faiar só dos cristãos, devem temer muito mais a "passividade dos bons", que se esquivam da responsabilidade, do compromisso consigo mesmos, do que qualquer outro temor. Esta omissão precisa ser superada, como já existem pessoas se movimentando para um programa audacioso: um grupo de leigos está empenhado em montar uma potente TV católica — universal. Para isso, estão trabalhando personalida-



des de 31 países. O nome do projeto é "LUMEN 2.000". Procurarão ao menos equilibrar o que se despeja através das comunicações.

É preciso despertar o idealismo cristão adormecido, ter uma maior criatividade e coragem de investir naquilo que, mais diretamente, possa impulsionar a uma nova evangelização de maior penetrabilidade. Os lares estão aí, sendo bombardeados para que se desintegrem, deixando as pessoas sem referência; daí, o descompromisso, a irresponsabilidade. O mesmo se pode dizer da mensagem escrita, que segundo os livreiros do Brasil, vem aumentando o consumo consideravelmente, baseados nas vendas anuais. Poderia haver uma maior penetração se fossem economicamente mais acessíveis. Veja o Japão por exemplo, a cada duas pessoas é vendido um jornal cotidiano.

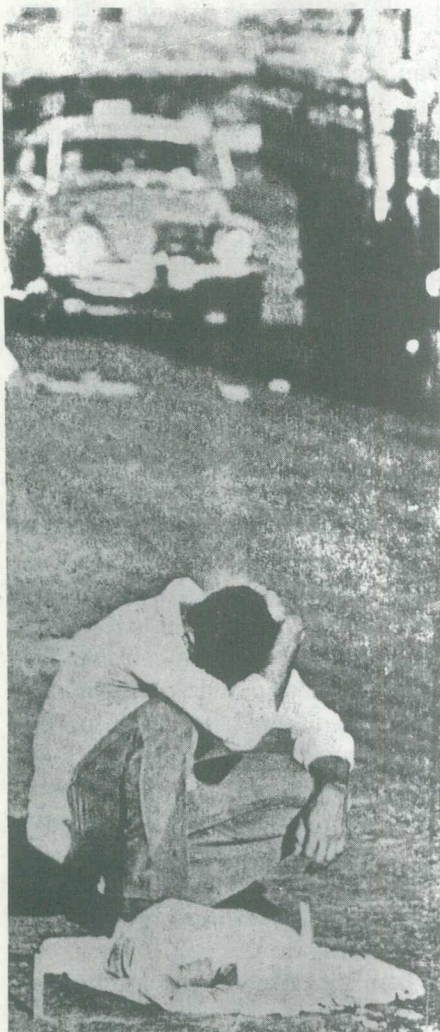
É o grande desafio do ano 2.000. Grandes massas concentradas nos grandes centros, interligadas na distância através das ondas, todas, à espera de quem as ilumine. Há necessidade de se reestudar o verdadeiro sentido da missão evangelizadora para que seja eficaz. Pregar nas praças públicas é como falar no deserto. Os meios de comunicação, em todas as suas variantes são a nossa voz, a nossa força, a nossa multiplicidade na unidade. O "ide, pregai o evangelho a todos os povos" continua de pé. E não precisa ir muito longe para alcançá-los, pois estão na outra ponta de um aparelho de TV, de vídeo, rádio, computador, jornal ou livro. Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça. O que se diz no vulgar é uma realidade: "Quem não se comunica... Todavia, é o que o mundo está usando e abusando para fazer chegar a sua mensagem boa ou ruim. Precisamos mudar urgentemente o nosso sistema de missionar as palavras e atos de Jesus Cristo, espelho de uma vida digna; porque, a força contrária não está perdendo tempo. Já está muito bem implantada, aguardando uma concorrente. ■

Cumprindo ou não, a missão da Igreja é libertar

Ana Valim

*"O Espírito do Senhor
está sobre mim, porque
Ele me ungiu para
evangelizar os pobres,
proclamar a remissão dos
presos, dar vista aos
cegos, restituir a
liberdade aos oprimidos."*

(Lc 4,18)



Eis a missão!

Acaso a Igreja está cumprindo, hoje, essa missão deixada pelo mestre de Nazaré? "Embora haja muita nuvem, há muita estrela", afirma o bispo D. Angélico Sândalo, da região de São Miguel Paulista.

Domingo, 15 horas. O Deus dos pobres e oprimidos chama o seu povo à oração e ao encontro fraterno. De todos os cantos escuros, sujos e mofos da cidade surgem os convidados, homens, mulheres e crianças, maltrapilhos, famintos, marginalizados, que buscam a Palavra da Vida, ou simplesmente um espaço para viver.

Aos poucos, vão chegando e povoando a Casa de Oração — um salão amplo e escuro nos fundos da Faculdade de Direito São Francisco —

o Francisco dos pobres, da Igreja dos pés no chão e esquecida.

A irmã da Fraternidade das Oblatas Beneditinas pega o violão e começa a cantar para esquentar o frio e os corações — e, ao som do violão e do atabaque, o grito dos sofredores de rua ecoa pelo salão da São Francisco — "A missão é do pobre sofredor, unidos em Jesus Cristo, pede a paz e o amor. Ter moradia, prosseguir nosso trabalho, o sistema é muito falho não ajuda o pobre não".

Começa a celebração da Palavra, a leitura fala que Deus ouviu o clamor do seu povo e desceu para libertá-lo dos seus opressores (Êxodo, 3, 6-7). E no rosto de cada irmão da Comunidade dos Sofredores de Rua de São Paulo está estampada a

opressão. — E nos fundos da Faculdade São Francisco, homens e mulheres descobrem que “a terra onde corre leite e mel” está muito longe deles. (Êxodo, 3,7)

— “Quem já encontrou esta terra?”, pergunta a irmã.

— “Eu vou morrer atrás”, responde Osmar, um pernambucano de 37 anos de idade, que mora nas ruas da cidade, “porque ninguém acredita em mim, ninguém me dá uma chance”. Osmar é marceneiro, mas a sua história impediu que ele tivesse acesso ao mercado de trabalho. Chorando, e com umas pingas a mais na cabeça, Osmar lembra suas desesperanças. “Tô sem coisa nenhuma”, conta ele; a família se desfazelou depois da morte da mãe. Osmar casou-se aos 28 anos, quando cometeu um crime “por questão de honra”, contra um homem que, segundo ele, teria desrespeitado sua esposa. Isso lhe valeu uma condenação de 11 anos de cadeia, dos quais cumpriu cinco e decretou o destino de Osmar: viver nas ruas, já que a sociedade, salvo raras exceções e aqui entram os infratores de colarinho branco não dá nenhuma chance para aqueles que por este ou aquele motivo, ousaram transgredir a lei.

Sem conseguir leite, imagine mel, Carlos Alberto e sua mulher Magda, que moram na rua há quatro anos, buscam a Casa de Oração “para se divertir um pouco”, opinião partilhada pela maioria dos membros da Comunidade dos Sofredores de Rua. Com eles, a filha Paula de 1 ano e Tatiana, com 20 dias de vida. Na Casa de Oração estão livres por algumas horas da violência da polícia, dos olhares marginalizantes da sociedade, além de tomarem um chá quente, acompanhado de um lanchinho. A esperança é “que Deus ajuda”.

A celebração da vida continua. Tatiana é lembrada na Prece dos irmãos. “Que ela tenha uma vida decente, que não sofra muito com o frio, que tenha leite para se alimentar”.



No banco improvisado — uma tábua comprida sobre latas de 20 litros — outro Carlos Alberto, não o pai de Tatiana, de 23 anos, se segura para não chorar enquanto a Comunidade dos Sofredores de Rua canta: “Eu saí da minha terra”. É que ele está há três dias em São Paulo, vindo de Natal (RN), sem casa, sem dinheiro, sem trabalho.

A irmã continua, “ninguém ainda conseguiu esta terra onde corre leite e mel, entre nós”. — “E nem conseguirá”, profetiza uma voz velha e trêmula, perdida na assembleia. “Deus ouve o grito do seu povo, só que tem sofredor que já está numa situação tão ruim, que nem grita mais”, alerta a religiosa.

É hora de pedir a Deus dos opri-

midos para que ouça os lamentos do seu povo sofredor: “Que Deus ajude que o guarda do Cetren (Centro de Triagem e Ecaminhamento) não aja com tanta violência com nós” — pede Jcnas. “Senhor, escutai a nossa prece”, responde a assembleia que sabe muito bem o que é enfrentar as filas do Cetren, lutar por um prato de sopa e por um mísero pedaço de espuma feito colchão, sobretudo no tempo de frio. Até entrar, tomar banho, jantar, garantir o lugar, já são mais de 11 horas da noite. Quando o dia começa a amanhecer, os guerreiros da rua são “convidados” a pular fora ao som estridente e traumatizante de batida entre ferros. E a luta recomeça, atrás de papelão e dos restos da sociedade, para sobreviver.

Casa de oração

Para definir a Casa de Oração, que funciona desde 1978, nos fundos da Faculdade São Francisco, a irmã Fortunata, da Fraternidade das Oblatas Beneditinas, aponta as paredes mofadas do salão. Lá estão pendurados papelões — fruto do trabalho dos sofrendores — com as mais variadas frases de louvor, denúncia e reivindicação — “O desemprego mata”; “Com trabalho, casa e mantimento acaba o sofrimento”; “Somos torturados pela sociedade corrupta. Queremos viver”.

Segundo irmã Fortunata, a Casa de Oração é um lugar onde o povo se reúne para viver a prática do Evangelho. Como disse a religiosa, os sofrendores precisam de um lugar para manifestar sua fé, já que, como justificou, nas outras igrejas eles não têm acesso, pela aparência, bebedeira, sujeira.

Por outro lado, a festa é ponto importante na Comunidade dos Sofrendores de Rua. Todo ano, a comunidade comemora na rua um encontro que chamam de Missão, onde há muita cantoria, comida e oração. Este ano é a 10.^a Missão que reúne os pobres sofrendores que, “Unidos em Jesus Cristo, pede a paz e o amor”.



Servir à vida

Irmã Fortunata acredita que a missão da Igreja é a mesma do cristão, que é a mesma de Jesus Cristo — “a de anunciar, defender os pobres e lutar com eles”.

A missão da Igreja consiste em evangelizar, “colocar a boa nova de Jesus no coração dos homens e das

estruturas para que sirvam à vida”, explica o bispo D. Angélico Sândalo, da região de São Miguel Paulista. Como disse, as estruturas, e inclusive a Igreja, estão precisando achar novos caminhos. A Igreja, segundo o bispo, vem dando sua contribuição “para que este povo que tanta gente aliena e esmaga, possa erguer a cabeça, se organizar nas comunidades, sindicatos, partidos políticos”. “Onde a Igreja consegue ascender uma luz, assegura D. Angélico, consegue evangelizar”, porque como afirmou, “embora haja muita nuvem, há muita estrela”.

Para Francisco Antonio de Souza, membro da Comunidade dos Sofrendores de Rua, “a Igreja hoje anda muito burguesa. Fala muito da opção pelos pobres, mas não tem cumprido com essa opção”. Apesar de achar a comunidade dos sofrendores “muito bonita”, Francisco acha que ela é um tipo de espelho de que “a Igreja não está aberta para todos igualmente, é um exemplo vivo de discriminação”.

“A Igreja tinha de ser a linha de frente do povo sofredor e não ficar olhando de longe”, adverte Francisco, que apesar de tudo acredita muito “na união e na força dos pobres”. ■

SOMOS SOFRIDOS

Nós vivemos numa grande pobreza, enfrentando as dificuldades, torturas, perversidades, perdendo a paciência, com uma certeza: sonhamos com liberdade, amor e felicidade. Temos nossas exigências, somos um povo sofrido, mas se não somos unidos, por que esperar?

Se somos povo de Deus acreditamos em cada irmão, temos confiança, vivemos em oração, aí temos justiça em cima desse chão. Mas, estou entendendo que muito estamos sofrendo e não queremos nos unir. Muito nos preocupamos, refletimos e falamos, mas o mundo que sonhamos está difícil de vir.



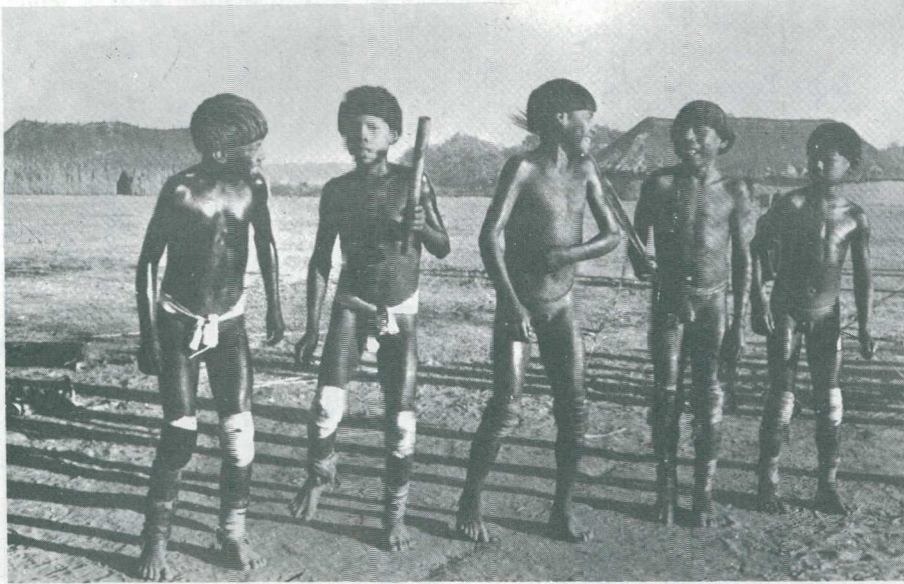
Somos desempregados, pobres, maltratados, trabalhadores, sofrendores, sem direito, nem liberdade, mas credi-

to que para acabar esse sofrimento só falta um elemento — viver em unidade. Falamos tanto em Cristo ressuscitado, oprimido e que foi libertado. Apenas só falamos, mas bem pouco construímos e poucos frutos alcançamos. A nossa grande falha, que nos atrapalha, e nos faz imperfeitos, é não aceitar cada irmão com todos os seus defeitos. Somos sofrendores, bóias-frias, trabalhadores e subempregados. Vivemos com tanta peleja, não podemos ser Igreja, e somos povo desunido.

Para Deus vir até nós e nós ouvirmos sua voz, depende da nossa aceitação e para isso acontecer temos que nos comprometer com cada irmão.

Francisco Antonio de Souza
Comunidade dos Sofrendores de Rua.

CIMI repudia regulamentação de ingresso em áreas indígenas



Brasília (CIMI-AGEN) — O Conselho Indigenista Missionário (CIMI), em nota à imprensa, repudiou a portaria assinada dia 6 de julho pelo presidente da Funai, Romero Jucá Filho, regulamentando a entrada em áreas indígenas. A íntegra da nota: "Num ato que contraria a própria finalidade do órgão indigenista governamental e se insere no espírito das decisões tomadas no período ditatorial, o presidente da Funai, Romero Jucá Filho, assinou dia 6 de julho, portaria regulamentando o ingresso de pesquisadores, missionários e documentaristas em áreas indígenas. No que diz respeito aos missionários católicos, a portaria é uma medida de repressão a mais tomada pela atual administração da Funai que nos últimos dois anos expulsou ilegal e arbitrariamente cerca de 20 missionários que atuavam em áreas indígenas. O motivo: terem exigido o cumprimento da lei por parte da Funai e denunciado a omissão do órgão tutor, como fizeram os missionários do Vale do Javari (AM), Missão Catrimani (RR) e da área indígena Waimiri-Atroari (AM), entre outros.

A portaria pretende, ainda, o controle absoluto dos índios pela Funai, impedindo sua organização. Se ela, a portaria, chegasse a ser res-

peitada, um líder indígena ou sua comunidade não poderia receber ajuda de um missionário quando resolvesse se deslocar de sua área para se reunir com outra comunidade, ou mesmo por motivos de saúde. Exceção quando a Funai autorizasse. Mobilizações como a ocorrida durante a votação do capítulo dos índios pela Assembleia Nacional Constituinte não seriam mais possíveis.

Estranhamente, não é essa uma portaria que visa impedir a presença danosa nas áreas indígenas de garimpeiros, madeireiros, empresas de mineração e comerciantes. Atualmente no território dos Yanomami, em Roraima, o número de garimpeiros é igual ou superior à população indígena e medidas não são tomadas para retirá-los definitivamente. Em Rondônia, florestas localizadas em áreas indígenas continuam sendo devastadas num claro desrespeito à lei e ao patrimônio dos povos indígenas. E nenhuma providência é tomada.

O CIMI não tem como subordinar seu trabalho missionário a essa portaria. O compromisso da Igreja é com os povos indígenas, e a eles continuará servindo, independente de portarias ilegais e autoridades que emita o órgão governamental". ■

LONGE DA TERRA

Santiago Dias



Estamos comemorando o centenário da ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA e, em todos esses anos quase nada ou nada foi mudado até agora; o negro saiu da senzala e foi habitar as margens dos rios e as favelas; era o fim de um pesadelo quando começava outro.

Um príncipe guerreiro conseguiu quebrar alguns elos das correntes e saiu correndo pela noite afora, quando clareava o dia, ele já se encontrava bem de frente ao mar, e ali, mergulhado na incerteza, viu estampada em cada onda, a impossibilidade de rever sua gente e, antes de pegar o caminho pr'a QUILOMBO DOS PALMARES, fechou os olhos, ergueu a cabeça, abriu os olhos da mente e se pôs a dizer:

Choro a dor de um povo...

Tenho saudades

Do cantar dos atabaques

Que não mais pude ouvir

Lamento a angústia

De estar tão distante

Dos antigos

Penso nas barras de ferro

Na hora do repouso

O amargo gosto de partir

Lembro-me do sangue

Escorrendo sobre o verde

Dos gritos

Do desespero

Das marchas para os porões

Guardo no peito

Toda vontade de voltar

Atravessar o grande rio

E cantarolar de braços dados. ■

Extraído do livro "ESTRADAR"

Serviço Militar: avanço ou retrocesso?

Ligia Terezinha Pezzuto

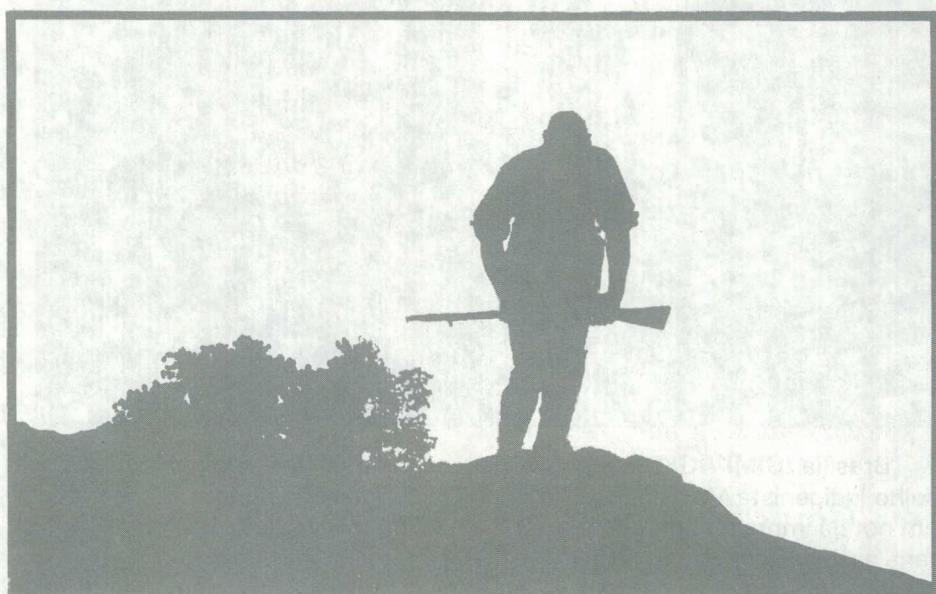
Ah! Você tem 17 anos? Bom, nesse caso...

É o tipo de expressão ouvida pelos jovens que nesta idade estão à procura de emprego. E sabe-se que não são poucos os jovens e adolescentes que contribuem com sua força de trabalho para o crescimento do país. Só no Estado de São Paulo existia, em 1985, 1.081.689 rapazes na faixa de 15 a 19 anos trabalhando, de um total de 13.933.000 jovens de ambos os sexos nessa mesma faixa etária e mesmo período, no país, segundo dados do IBGE.

"Infelizmente perdi várias chances porque ao dizer minha idade, o pessoal não aceitava pois logo eu iria ter que parar com o trabalho para prestar o serviço militar". A afirmação é de José Roque da Costa Filho, 17 anos e auxiliar de escritório de uma concessionária de veículos, na capital.

Os rapazes enfrentam dificuldades na hora de arrumar um emprego ao se aproximar a época do alistamento militar — concorda o professor Leonardo A. de Oliveira, coordenador do departamento de ensino das Escolas Profissionais Salesianas, entidade que visa formar e empregar jovens na área de artes gráficas. Essa dificuldade — afirma — acaba marginalizando o garoto que se vê obrigado a trabalhar sem vínculo empregatício.

Do ponto de vista educacional, quem responde é Fatima Maria Mendes Ribeiro. Ela é coordenadora de orientação educacional do Colégio Santa Inês e destaca a ansiedade do jovem ao se defrontar com o alistamento. Alguns querem — diz Fátima — outros acham que vão truncar a vida. Outros ainda, acham que será



um ano perdido pois terão de interromper os estudos — finaliza.

Para Edson Gomes de Sá, 23 anos, caixa do Banco Bradesco, ter prestado o serviço militar lhe trouxe, por um lado, o benefício de aprimorar seu senso de responsabilidade, uma vez que lá aprende-se a honrar pai e mãe, a sociedade e o indivíduo, ou seja, a si próprio — comenta. Por outro lado — continua — trouxe prejuízo do ponto de vista financeiro, "uma porque o soldo era pouco (cerca de um salário e meio na época) e outra que eu poderia estar ganhando o triplo do que ganho hoje senão tivesse perdido o emprego em que estava antes de me alistar", conclui.

O que acontece na realidade é que as empresas não registram porque terão de pagar o Fundo de Garantia — explica o prof. Leonardo.

Na opinião de Antonio Annunziato, sócio-gerente da Distribuidora de Bebidas Vergueiro Ltda., revendedora da Companhia Antártica Paulista, vai muito da mentalidade

de do empresário em deixar a vaga livre. Isto porque a empresa é obrigada a manter a vaga até o término do ano em que o jovem estiver prestando o serviço militar. Então como afirma Annunziato, se o empresário pode conviver com isso, ele convive.

A sensação de incerteza que toma conta desses vários jovens acaba se tornando irrelevante para muita gente porque, à primeira vista, não há como resolver a questão.

Para o Pe. Hélio Viotti, capelão reformado da F.E.B. (Força Expedicionária Brasileira), um país como o Brasil, onde existem grandes riquezas, há a necessidade de sua defesa, o que é uma obrigação do jovem. A sua não contratação nas empresas acaba se transformando numa contingência inevitável — afirma.

Quem sabe, algum dia, o amadurecimento de novas idéias e soluções de problemas como esse ainda façam do Brasil um lugar onde não existam discriminações desse calibre. ■

Dependência é dependência. Seja de cocaína, do álcool ou do cigarro

Donald Lazo

Pode ser que os norte-americanos ainda não estejam ganhando a luta contra muitas drogas perigosas (cocaína, heroína, "crack", etc.), mas os Estados Unidos estão conseguindo uma vitória notável sobre uma das drogas mais viciantes e nocivas que existe: a nicotina. Uma pesquisa recente mostra que o número de norte-americanos adultos que ainda fuma já foi reduzido para 24%, e não está fora de cogitação que o vício de fumar seja praticamente erradicado nesse país dentro de 10 a 15 anos.

De que forma essa conquista sobre um dos hábitos mais enraizados na sociedade vem sendo obtida é um assunto que devia ser estudado a fundo, já que, talvez, tenhamos nela o modelo com o qual possamos combater a dependência de outra droga que mata *25 vezes mais americanos por ano que todas as outras drogas juntas*: o álcool.

Pois a verdade é que existem paralelos notáveis entre o vício de fumar e o vício de beber.

Estou perfeitamente cômico de que muitas pessoas — mormente os membros de Alcoólicos Anônimos — não gostam de usar

a palavra "vício" em se referindo ao beber do álcool, porque ela carrega uma conotação pejorativa. Os AA costumam dizer que fumar é um "vício" mas o beber do álcool é uma "doença".

Na verdade, "vício" tem dois significados. Um é "pecado", e neste sentido é possível argumentar que uma pessoa que nasce (sem saber) com uma predisposição orgânica ao alcoolismo e que em algum momento passa a fazer o que a sociedade quase exige dele (beber), não pode ser considerado um "pecador", a não ser que pertença a uma das muitas religiões que, inteligentemente, condenam a ingestão de bebidas alcoólicas.

Mas "vício" também significa "dependência de uma droga", e neste sentido tanto o beber quanto o fumar do dependente são vícios, mesmo que envolvam a ingestão de drogas que são perfeitamente legais. Assim sendo, se os AA consideram o alcoolismo uma doença, deviam considerar a dependência do cigarro uma doença igualmente séria (pois ela é responsável por mais mortes que o álcool, inclusive a morte do co-fundador dos AA, Bill Wilson), e incentivar seus membros a evitar o primeiro cigarro tanto quanto são incentivados a evitar o primeiro gole.

Na realidade, os membros dos AA são notoriamente dependentes do cigarro. Tanto é que a própria revista internacional dos AA publicou uma charge mostrando uma pessoa entrando numa sala de AA onde havia tamanha fumaça que não se podia ver os rostos dos participantes da reunião, e a pessoa estava dizendo: "Agora entendo porque vocês são chamados 'anônimos'!" Em todo caso, é lícito perguntar

com que moral uma pessoa que esteja alimentando sua dependência química, fumando um cigarro atrás do outro, combate a dependência química daqueles que estão bebendo. É algo parecido ao cocainômano que condena o uso da heroína, embora continue usando cocaína.

Existem muitas outras semelhanças entre os dependentes do álcool e do cigarro. Nem toda pessoa que bebe ou fuma se torna dependente. Mas, os que se tornam dependentes (seja do álcool ou do cigarro), se iludem quanto à gravidade de seu vício e vivem dizendo: "Eu pretendo largar... algum dia". (Tradução: "Eu não vou largar agora").

Provando que largar de beber ou fumar não é tão difícil assim (aliás, aqueles de nós que superamos ambos os vícios geralmente concordamos que é muitíssimo mais difícil largar de fumar do que largar de beber), os fumantes e bebedores dependentes costumam parar periodicamente. Após certo tempo, começam a sentir-se tão bem que decidem voltar a fumar (beber). "Mas não como



CHÁCARA REINDAL

Especializada em
alcoolismo

Sua melhor chance de se recuperar do alcoolismo e iniciar uma vida nova, produtiva e feliz.

Cx. Postal 20.896
01498 São Paulo, SP
(Fone: (011) 520-9514)

A SENDA DA PERFEIÇÃO

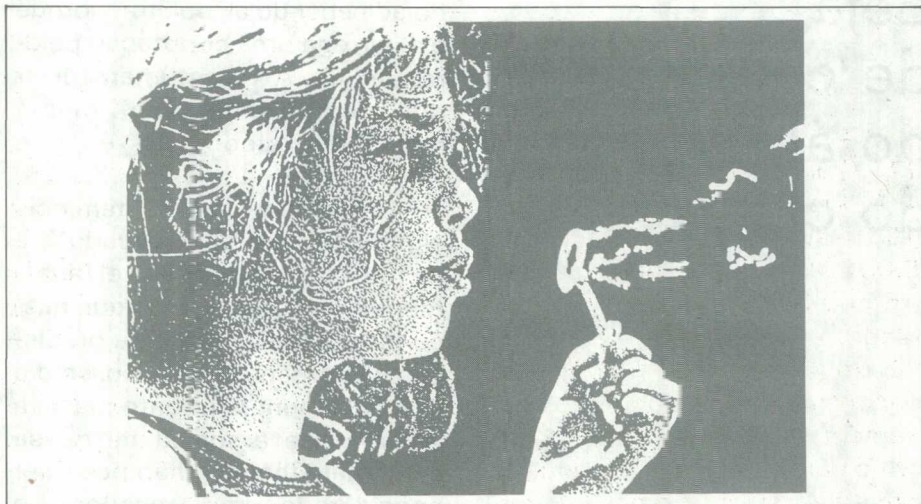
José Wanderley Dias

antes", afirmam. "Desta vez eu vou controlar". E aí ambos descobrem que, embora não é tão difícil *abandonar* o cigarro ou a bebida, é impossível *controlá-los*. O fumante de dois ou três maços por dia que tenta se controlar, fumando apenas quatro cigarros por dia, fracassará tão certamente quanto o alcoólatra que tenta beber só dois ou três drinques por dia (com raríssimas exceções em ambos os casos).

Os fumantes viciados e os alcoólatras se assemelham de outra forma também. Quando ambos abandonam suas drogas por muitos anos e depois, por um ou outro motivo qualquer, decidem experimentar "um só", com esse "um só" ambos estarão iniciando a volta ao vício total. É só questão de tempo, que geralmente não passará de duas ou três semanas.

Os seres variam tanto em termos físicos, emocionais e espirituais, que existem exceções para todo ato humano, inclusive o fumar do viciado em cigarros e o beber do alcoólatra. Mesmo assim, é impressionante a semelhança entre os dois toxicômanos. E não é para menos. Afinal, em ambos os casos, se trata de uma dependência química de drogas que viciam alguns de seus usuários impiedosamente e matam em números astronômicos, ainda que o cigarro e o álcool sejam — ou talvez justamente por serem — drogas legalizadas.

Nos dias de hoje, quando estamos vendo cada vez mais interesse na saúde geral (com os praticantes da aeróbica e do "Cooper" por toda parte e cada vez maior número de placas dizendo: "Esta seção é reservada para os não fumantes"), não seria este o momento apropriado para rever o problema do tráfico e abuso dos cigarros e da bebida, tanto quanto das outras drogas que vêm injustamente monopolizando as manchetes? ■



A perfeição encontra-se na simplicidade das crianças, na humildade das que temem a Deus e na pureza das intenções.

Insatisfeitos, insistiram junto a Rhámar l'Húmistan:

— Disseste que só as crianças se mantêm perfeitas. E nós, onde ficamos?

Esta foi a resposta do amigo: (*)

— Nós adultos nunca conseguiremos ser perfeitos e a nossa primeira imperfeição é não procurarmos ser perfeitos! Fara ser perfeito, é preciso não se envaidecer ante os aplausos e compreender os apupos; ter coragem de ter medo e medo, às vezes, daquela coragem; perfeito é quem vê os lírios do campo e quem não se ofusca com o brilho do ouro; quem não se considera melhor que o pior e aceita ser o segundo sem criticar a vitória do primeiro; perfeito é quem dá a vida pelo irmão, morrendo por ele se necessário, vivendo por ele ainda mais quando esse viver for tão duro quanto a morte; por isso, ser perfeito é amar a verdade e compreender os que estão enganados.

O perfeito dá a outro enfermo o remédio que seria seu próprio alívio, o pão que mataria sua própria fome,

a roupa que cobre a sua própria nudez. O perfeito pá-a a fim de levantar quem caiu cansado na mesma corrida, na mesma luta. O perfeito não anuncia suas vitórias e aceita que se comentem suas derrotas; é capaz de aderir aos derrotados, de ser solidário com os que perderam, de não incorporar-se aos laudatórios e de não engrossar a corrente dos áulicos. Ser perfeito é orar fazendo, é fazer orando porque o céu não faz aquilo que a terra pode fazer; o céu manda a chuva, mas não represa o rio; o céu envia o ar, mas nele não mergulham as raízes, nem contém o adubo em que recebe alimento a semente, e assim como a terra precisa do céu, o céu precisa da terra! Ser perfeito é ser pequeno quando grande e desejar crescer quando pequeno, crescer sem inchar, crescendo para dentro. Ser perfeito é aceitar que pode haver flores no lodo e plantas venenosas no jardim. Ser perfeito pode ser tanto ser-se firmemente o que se é ou deixar-se de ser o que se é. É não ter vaidade de ser modelo, mas não deixar de ser exemplo. Ser perfeito é não ser vencido pela imperfeição de perfeito se julgar! ■

(*) Este o tratamento único aceito pelo filósofo.

MARINÓPOLIS

Marinópolis, SP., foi considerada município em 28/02/1964, através da Lei Estadual n.º 8.092. A origem do nome vem de Antonio Maria Cruz — Família Marin.

No Município de Marinópolis encontra-se uma topografia suavemente ondulada, notando-se em algumas áreas uma modelação em "xisto premianus" da formação de Quatá e como consequência dos solos impermeáveis a rede hidrográfica é relativamente densa. A habitação em Marinópolis, num sentido amplo, encontra-se na topografia plana ou em declividades suaves, áreas bastante convenientes para edificações residenciais, pois podem ser arenadas sem exigir despesas proibitivas, facilitando a funcionalidade das ruas, quanto à instalação de serviços de estabilidade pública.

Possui um clima quente, com

temperatura média anual de 25.º a 28.º, atingindo como mínima 18.º.

Sua área urbana é de 01 km² e a rural de 98 km². A altitude é de 400m.

Segundo a estimativa de 1984, a população maior está na zona rural com 1.157 habitantes e na zona urbana 905 habitantes.

Os meses de maiores incidências pluviométricas são janeiro, fevereiro, março, abril e novembro.

De acordo com o decreto 22.970 de 29/11/84, Marinópolis, pertence à 8.ª Região Administrativa de Jales.

A cidade de Marinópolis possui latitude de 20.º 60'30" e longitude 50.º 49'30".

A ligação de Marinópolis com os Municípios vizinhos é feita através de estradas e rodovias, sendo as seguintes distâncias: Palmeira D'Oeste, 4 km; Sud Me-

nucci, 12 km; Aparecida D'Oeste, 41 km e Três Fronteiras, 4 km. Marinópolis tem acesso com a rodovia Euphly Jales - SP - 563 e é servida pelo Expresso Itamarati de Jales. Possui seu terminal rodoviário.

Ainda encontramos um centro de saúde, uma agência postal, um orehão interurbano e outro urbano e uma agência do Banco Itaú S/A.

Os eventos de Marinópolis são: Sexta-Feira Santa; Corpus Christi; 1.º de junho, dia do padroeiro da cidade; 2 de novembro e 28 de fevereiro que é a fundação do Município.

O atrativo turístico da cidade é o rio São José dos Dourados a uma distância de 12 km do centro da cidade. ■

(Informações fornecidas pelo prefeito municipal: Edvaldo Pereira da Silva)

JOVEM, TE SENTES CHAMADA PARA SEGUIR JESUS CRISTO?

Lembra-te que Cristo te estende a mão.

Ele precisa de ti no Instituto das Filhas de Nossa Senhora das Graças, para juntas, cuidarmos com amor e carinho, de todas as crianças carentes, doentes e abandonadas, que de nós necessitam. O nosso carisma é variado, vem conhecê-lo. Escreve-nos e logo terás a resposta.



**INSTITUTO DAS FILHAS DE NOSSA SENHORA
DAS GRAÇAS**

Rua Mons. José Vita, 320 - 12460 - Campos do Jordão, SP

COMPREENDER...

Myrian Vallias de Oliveira Lima



Fala-se muito da necessidade de compreensão. Do compreender e ser compreendido. E eu pergunto:

— O que é necessário para **compreender**?

Já que a compreensão se dá quando há comunicação, esta deverá ocorrer em um clima de amor e confiança. Deverá ser aberta. Direta. Sem subterfúgios ou mentiras. Quer se trate da interação de dois amigos, ou de namorados, ou de pais e filhos, ou de mestres e alunos, ou de marido e mulher, ou simplesmente de pessoas que se cruzam propositalmente ou não, é importante uma abertura mútua. A expressão sincera dos sentimentos e idéias. Diálogo. E este só ocorre quando há uma atmosfera de atenção e acolhida. O voltar-se um para o outro.

Para compreender e ser compreendido é necessário pois "expressar-se". Quando se tem

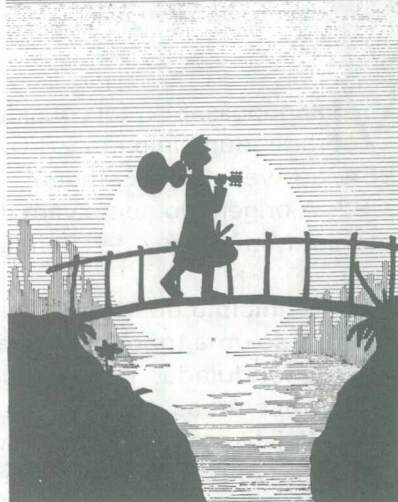
medo do julgamento do outro e até mesmo de seus conselhos, usa-se o silêncio ou um turbilhão de palavras sem significado para se comunicar. É comum se ouvir:

"— posso me abrir com fulano porque ele me entende, me compreende". Em verdade este é capaz de compreender porque o outro confiou nele e se abriu.

Por outro lado, para estar com o outro e compreendê-lo é necessário "querer compreender". Amá-lo. Debruçar-se sobre o outro e, através do diálogo, encontrar-se com ele, em perfeita comunhão. Encontro baseado na aceitação incondicional.

E quem é o nosso maior modelo de compreensão, o mais perfeito? — Cristo. Para compreender é necessário que nos submetamos a Ele. Só Ele é capaz da aceitação e compreensão plenas. Só Ele é a fonte do amor verdadeiro. Inspirados em São Francisco de Assis, oremos:

ATÉ QUE UM DIA ELE SE DECIDIU: DEIXOU TUDO E SAIU PELO MUNDO, CONVENCENDO AS PESSOAS DE QUE TODAS ERAM AMADAS POR DEUS. TINHA 30 ANOS DE IDADE E MUITO AMOR EM SEU CORAÇÃO!



Ser Missionário é viver a alegria da doação total. Jovem, você que está em busca de um mundo melhor, mais justo, onde todos se sintam bem, venha partilhar a aventura de ser Missionário Claretiano.

As opções são muitas:

- Missão
- Serviço Paroquial
- Educação
- Meios de Comunicação Social

Solicite informações:

01.296 - Cx.P. 54 215 - São Paulo (SP)
13.500 - Cx.P. 136 - Rio Claro (SP)
93.250 - Cx.P. 23 - Esteio (RS)

"Ó Mestre,
faça que eu procure mais
consolar que ser
consolado, compreender
que ser compreendido,
amar que ser amado.
Pois é dando que se
recebe, perdando que se é
perdoado, e é morrendo
que se vive para a vida
eterna!"

ALMOÇO MAIS SOFISTICADO

ENTRADA: Salada crua

Rendimento: 3 porções

Ingredientes:

1 pepino
2 cenouras raladas
1/4 de repolho picadinho
1 maço de rúcula
molho vinagrete

1. Tempere os vegetais separadamente, com molho vinagrete.
2. Numa travessa, no centro, arrume as cenouras, ao redor, o repolho, depois uma corôa de rodela de pepino e, por último, a rúcula.

PRATO PRINCIPAL: Cuscuz à paulista

Rendimento: 8 a 10 porções

Ingredientes:

400g de farinha de milho
3/4 xícara (chá) de farinha de mandioca
1 lata de palmito
1/2 kg de camarões
1/2 kg de garoupa
1 lata de sardinhas
3 ovos cozidos, 4 tomates
1 cebola batidinha
1 colher (chá) de massa de tomate
alho socado, sal, pimenta do reino,
pimenta vermelha, louro, coentro, segurelha,
mangerona, salsa, cebolinha, óleo.

1. Ensope o peixe com bastante óleo e todos os temperos. Depois de cozido, tire qualquer espinha, reserve o peixe e coe o molho.
2. Limpe os camarões e ensopé-os também com bastante óleo e temperos. Deixe cozinhar e coe o molho.
3. Amasse a farinha de milho com o rolo de abrir massa, coloque-a numa vasilha grande, salpique-a com salmoura morna e esfregue entre as mãos bastante cheiro verde picadinho, a farinha de mandioca e misture.
5. Por cima, despeje o molho dos camarões e do peixe, bem quente, mexendo bem, até a farinha ficar úmida, mas não mingau.
6. Molhe o cuscuzeiro e enfeite os lados e o fundo com azeitonas, fatias de ovos cozidos, sardinhas e fatias de tomate.
7. Por cima, ponha uma camada de farinha de milho, uma de peixe picado, alguns camarões e mais um pouco de farinha.
8. Acrescente uma camada de fatias de palmito, ovos cozidos e azeitonas sem caroço.
9. Continue alternando as camadas, até encher o cuscuzeiro. Ponha por cima uma folha de couve e cubra com um guardanapo.
10. Na parte de baixo do cuscuzeiro, ponha água fervente até a metade. Leve ao fogo forte, diminuindo-o assim que a água ferver. Quando a folha de couve amarelar (cerca de meia hora depois), o cuscuz está pronto.

Obs: Para que o cuscuz não fique duro e seco, a farinha deve ser posta de leve, sem apertar e o tempero deve conter bastante óleo.

ACOMPANHAMENTO: Rosbife com panaché de legumes

Rendimento: 4 a 5 porções

Ingredientes:

1 kg de filé mignon, alho, louro, sal,
vinho branco, pimenta do reino, vinagre, óleo,
vagens, cenouras, couve-flor, brócoli, água,
sal, margarina, salsa picadinha.

1. Limpe e lave bem a carne.
2. Prepare uma vinha-d'alhos com o sal, alho, vinagre, pimenta, louro, vinho branco e vinagre. Deixe a carne nesse tempero por duas ou três horas.
3. Leve ao fogo uma panela com três colheres de óleo. Deixe aquecer bem.
4. Tire a carne do tempero e coloque-a na panela com o óleo quente. Deixe cozinhar bem, em fogo forte, até ficar marrom. Junte então a vinha-d'alho e uma colherada de água. Deixe mais alguns minutos no fogo forte e tire.
5. Cozinhe os legumes na água e sal. Pode acrescentar outros legumes de sua preferência.
6. Corte-os em pedaços não muito miúdos e leve-os ao fogo numa panela com margarina. Deixe um instante no fogo, junte a salsa picadinha e tire.

Obs.: Distribua o panagé ao redor dos bifos enfeitando assim o prato.

SOBREMESA: Torta de maçã

Rendimento: 3 a 4 porções

2 maçãs maduras

1 1/2 xícara (rasa) de farinha de trigo

1 colher (sopa) de fermento em pó

250 g de margarina, 3 ovos

1/2 xícara (chá) de açúcar e

canela misturados.

1. Passe bastante margarina num pirex. Espalhe no fundo e nos lados, forrando a forma, as maçãs cortadas em fatias finas.
2. Ponha numa peneira o açúcar, a farinha de trigo e o fermento. Sacuda a peneira sobre as maçãs.
3. Derreta a margarina e espalhe-a por cima, por igual.
4. Bata as claras em neve, junte as gemas, bata e despeje sobre a margarina derretida.
5. Por fim, polvilhe tudo com açúcar e canela.
6. Leve ao forno quente até a torta ficar dourada por igual.

(Fonte de consulta: 6 capítulos de garfo e colher — Anderson, Clayton)

RENOVAÇÃO CARISMÁTICA

O que vem a ser movimento de renovação carismática? 2064

M. J. — Campinas - SP

Em 1966, um grupo de professores da universidade de Duquesne, em Pittsburg (USA), pôs-se a refletir sobre sua vida cristã. Em clima de oração confrontaram a sua vivência espiritual com a das primeiras comunidades cristãs, descritas nos Atos dos Apóstolos. Sentiram que faltava alguma coisa em sua vivência interior, ficaram, então, em oração ao Espírito Santo, pedindo que lhes concedesse as luzes necessárias para bem viver a fé. Começaram a participar de um movimento pentecostal, para aprenderem a "orar no Espírito" e ao mesmo tempo pedirem o "batismo do Espírito". O impulso recebido deste grupo, proporcionou-lhes a força para iniciarem este movimento de espiritualidade que se espalhou rapidamente por todo o País e para a Europa, América do Sul e hoje por todos os continentes.

Os traços mais típicos do movimento são:

a) **Espírito e prática da oração:** Esta é a nota essencial, o movimento se constitui e exprime através de grupos de fiéis, que convictos da promessa de Cristo "onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, estarei em meio a eles" (Mt 18,20). Se encontram para ouvir a palavra de Deus a exprimir sua fé e o seu amor suscitado por tal palavra; os participantes põem em comum suas experiências de vida cristã, num clima de simplicidade, alegria e paz, que leva à ação de graças e ao louvor de Deus. Esta oração comunitária é marcada pela espontaneidade; cada qual se manifesta segundo a inspiração que tenha.

b) **Aprofundamento da fé:** Visto que a Bíblia é a base da oração comunitária, o movimento possui grande interesse por aprofundar as verdades da fé, transmitidas pela Bíblia; para tanto, promovem cursos de estudo e aprofundamento da Sagrada Escritura. Crêem que a efusão do Espírito Santo, não aconteceu apenas sobre os apóstolos em Pentecostes, mas a cada dia o Espírito Santo está inundando seus dons em sua Igreja.

Visto que a expressão "batismo do Espírito", possui interpretação ambígua, os teólogos do movimento descobriram que "efusão do Espírito" caberia melhor. Segundo eles, é uma intervenção específica do Espírito Santo, diversa da que se dá nos sacramen-

tos, embora não independente destes. Numa reunião um participante pode solicitar que o grupo interceda por ele através da imposição das mãos para que receba o Espírito Santo.

O dom das línguas segundo os teólogos do movimento é um dom de oração muito profunda, que jorra do mais íntimo da pessoa. Pode suscitar um estado de emoção no fiel, o qual passa a se exprimir através de sons lingüísticos desconhecidos, até por quem os profere (Rom 8,26).

c) **Conversão:** A efusão do Espírito provoca mudança de vida ou uma conversão mais radical naqueles que o recebem (Gal 5,22ss). A conversão é um processo que dura a vida toda, é portanto, todo o dia que o fiel se renova à perfeição total.

d) **Movimento da Igreja:** Uma das dúvidas que mais se levantou é se este movimento pertence à Igreja Católica e se está em sintonia com o Magistério.

Os carismáticos consideram-se unidos à Igreja, constituindo com todos os fiéis um só corpo em Cristo vivificado pelo Espírito. Apesar de alguns grupos adotarem práticas singulares e exuberantes para exprimir seu fervor: Ou não aceitando as determinações e orientações do Magistério, e em especial manifestando certa resistência à vida da comunidade paroquial a que pertencem, não sabendo fazer uma integração com os outros movimentos, por vezes, isolando-se, criando assim divergências com o pároco, o que, depois de tudo que foi dito aqui, é uma contradição com seus princípios. Mas fora isto, mostra ser um movimento da Igreja que está crescendo e imprimindo-lhe uma nova espiritualidade. ■

Pe. Alceu Luiz Orso

Aqui respondemos a perguntas sobre a vida cristã, a história, as leis e os costumes da Igreja, a moral e a teologia, a Sagrada Escritura e a liturgia. Assuntos mais delicados e pessoais são respondidos por carta. Neste caso, é favor enviar selos para a resposta

Correspondência para:

Equipe Consultório Popular
Caixa Postal 153 — CEP 80.000
Curitiba (PR).

Neste número iniciamos o estudo da catequese nos séculos quarto e quinto. Neste período teve início, o chamado:

CATECUMENATO

I - Origem:

O catecumenato, tinha por finalidade a preparação para receber o Batismo, mediante a catequese dos adultos já convertidos por meio do Kérigma (anúncio).

A *Tradição Apostólica de Hipólito de Roma* nos dá uma descrição particularizada do catecumenato. Desde o início do século terceiro a estrutura da preparação ao Batismo é fixada em suas formas essenciais.

O século quarto, rico de obras catequéticas de grande importância, faz com que o catecumenato alcance o ponto mais alto, mas já no século quinto, assim como subiu, ele caiu, e já não é considerado tão necessário e importante.

II - A Organização do catecumenato:

a) Introdução:

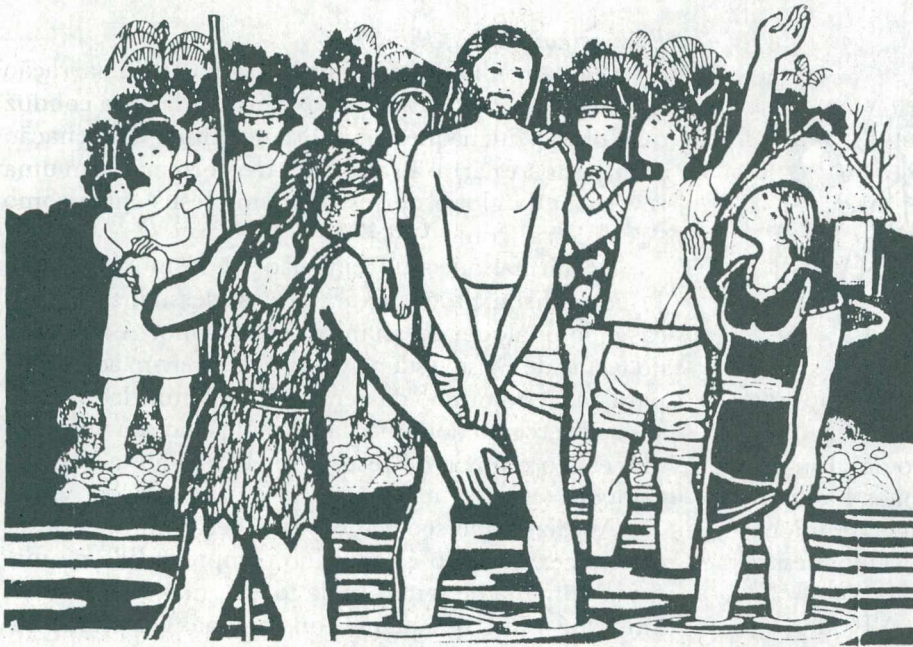
Era constituída por uma espécie de matrícula, onde se precedia a um exame minucioso do candidato e a algumas instruções fundamentais.

Era natural que quando alguém, pela primeira vez, se apresentava, para abraçar o cristianismo, recebesse uma *primeira instrução*. Explicavam-lhe, brevemente, os pontos principais da fé e da moral cristã, pediam-lhe uma primeira renúncia aos vícios pagãos e a promessa de aderir às obrigações da vida cristã.

Uma vez decidido a receber o batismo, o catecúmeno, ou seja

O Batismo na antigüidade

Pe. Eugênio Pessato, c.m.f.



aquele que estava se preparando para ser batizado, devia apresentar-se aos “doutores”, isto é, aos catequistas encarregados de submetê-lo a um *exame* em nome da Igreja.

Durante o exame, o catecúmeno não ia sozinho, mas sim, acompanhado de seus padrinhos, os quais deviam dar o seu testemunho de que o seu afilhado, desejava realmente receber o batismo.

Escreveu Santo Agostinho: “Para melhor assegurar-se das disposições do candidato, um meio útilíssimo é informar-se no círculo de amigos do catecúmeno sobre suas disposições interiores e suas motivações”. (A instrução dos catecúmenos).

A função do padrinho revela fortemente a dimensão eclesial e comunitária do caminho do futuro catecúmeno: através do padrinho a própria comunidade cristã apresenta seus candidatos; através dos “doutores”, catequistas, percebemos o interesse da Igreja em admitir quem se apresenta para ser batizado.

Percebemos então que tudo o que se exige hoje para o batismo, não é nada comparado ao que se exigia, está certo que hoje a maioria dos batismos é de crianças; mas imaginem fôssemos fazer um *exame* com os pais e padrinhos das crianças!

Baseado nesta primeira colocação eu pergunto:

Como estamos fazendo nossa catequese batismal?

Vejamos em seguida em que consistia o *exame* que era feito aos catecúmenos e seus padrinhos.

1) A primeira matéria do exame: tratava das motivações que levavam o catecúmeno a pedir o Batismo.

Santo Agostinho, coloca algumas condições em que a pessoa não poderia ser admitida ao Batismo: “No caso que alguém queira ser cristão só para agradar... ou buscar vantagem... ou para evitar qualquer outro aborrecimento, ou porque teme qualquer desfavor ou inimizade, realmente não quer ser cristão, mas

está fingindo. A fé é uma adesão interior e não um conformismo exterior”. (Santo Agostinho, A instrução para os catecúmenos).

2) A segunda matéria do exame: era sobre as condições de vida de quem queria ser batizado.

Hipólito de Roma propõe uma lista de situações incompatíveis com a fé cristã.

“Os que são trazidos pela primeira vez, para ouvir a Palavra; sejam primeiramente conduzidos à presença dos catequistas — antes da entrada do povo — e sejam interrogados sobre o motivo pelo qual se aproximam da fé. Dêem testemunho deles os que os tiverem conduzido, (padrinhos) dizendo se estão aptos para ouvir a Palavra; sejam também interrogados sobre sua vida e conduta. Se um homem tem mulher, se uma mulher tem marido, sejam ensinados a contentar-se — o homem com a mulher e a mulher com o marido. Se um homem não vive com uma mulher, seja ensinado sobre o valor do matrimônio segundo a Lei ou então que fique solteiro, (não tendo casos com mulheres, sem serem com elas casados).” (A Tradição Apostólica, Vozes, 1971, pg 47).

Tudo isto comprova que a catequese não era um mero ensino intelectual, mas uma iniciação global com repercussões bem concretas de mudança de vida.

Se a sinceridade das disposições é reconhecida, o candidato é admitido à etapa seguinte do catecúmeno. Etapas estas que nós veremos no nosso próximo encontro. Até lá.

Dirija suas perguntas para:
Revista, Ave Maria
Página Catequética)
Caixa Postal 54125 -
CEP 01296 São Paulo - (SP)

NOSSO SENHOR JESUS CRISTO, REI DO UNIVERSO

34.º domingo do tempo comum
20/11/88

1ª leitura: Dn 7,13-14

É um texto messiânico para judeus e para cristãos. O capítulo 7 abre a 2ª parte do livro de Daniel, marcada por muitas visões proféticas e descrições apocalípticas, isto é, referentes ao final dos tempos, o que dificulta bastante a apreensão do sentido bíblico. Figura no texto a visão de 4 animais, símbolo dos 4 reinos que se opõem ao “Reino dos santos”.

Os vv. 13-14 contêm a visão do Filho do Homem, vindo sobre as nuvens, em contraste com os 4 animais surgidos no mar (4 impérios). Tal passagem tenta expressar a universalidade e eternidade do Reino messiânico em oposição aos reinos terrenos.

A expressão “Filho do Homem” no AT quer significar aqui alguém que pertence à espécie humana (homem) ou mesmo prefigurar todo o povo na figura de seu “líder”. Simboliza principalmente um novo Reino que acabará com os 4 reinos figurados pelos 4 animais. A “vinda sobre as nuvens do céu” é interpretada como alusão à origem divina do Filho do Homem. Os judeus chamavam o messias de “ananí” — “aquele das nuvens”.

Foram os Santos Padres da Igreja que relacionaram a figura de Cristo ao texto de Daniel, para mostrar que sua realeza está em função do povo perseguido, já que Jesus atribui a si o título de “Filho do Homem”, segundo os evangelhos.

O Texto de Dn 7,13-14 vem de encontro com a Solenidade de Cristo Rei. Proclamando as esperanças messiânicas do povo frente à opressão do reino babilônico, prefigura-se a missão e a pessoa de Jesus.

2ª leitura: Ap 1,5-8

Este texto serve muito bem para esta festa porque toda ela está centrada na pessoa de Cristo e sintetiza toda a sua obra. É uma glorificação de Cristo Redentor, princípio e fim de tudo.

Jesus Cristo é apresentado com três títulos messiânicos que encerram toda sua vida e missão: a) Testemunha fiel; b) Primogênito dos mortos; c) Príncipe dos reis da terra.

O texto enaltece o grande amor de Cristo pelos ho-

Ilustrações: extraídas do Missal Dominical — Edições Paulinas.

mens a ponto de derramar o próprio sangue. O v.7 é o anúncio dum juízo final, imagem certamente extraída de Dn 7,13ss. A Imagem do “Filho do Homem” (v.7), juiz das nações é usada por S. João para focalizar o império romano como opressor da Igreja nascente.

O v.8 ao usar o atributo do alfa e ômega (começo e fim) lembra o Deus que nos acompanha e é Senhor da história.

Evangelho: Jo 18,33b-37

O Evangelho deste domingo faz parte da narração da Paixão de Nosso Senhor, onde o evangelista conduz o leitor a deduzir que não sobre nenhuma condenação para Jesus. A narração acaba se transformando em uma revelação da glória de Jesus Cristo. Jesus entra como “réu” e sai como “Rei”.

Ao afirmar que seu Reino não é deste mundo (v.36), Jesus se distancia das expectativas messiânicas judaicas e de qualquer messianismo mundano. A natureza do Reino de Cristo está no v.37: “Nasci e vim ao mundo para dar testemunho da verdade”. A autoridade de Jesus se exerce no domínio da verdade e no seu testemunho está o reinado de Jesus (Ap. 1,5ss) que não é meramente teórico, mas a doação de sua própria vida.

Ao dizer que seu reino não é deste mundo, Jesus quer dizer que não é um reino compreendido na maneira humana de reinar (pela força), mas um reino de amor até o fim, que não se consuma nas estruturas humanas e tem sua plenitude no Pai.

Comentário

Quando celebramos a solenidade de Cristo Rei e proclamamos que Jesus é o único Senhor, estamos nos recusando a absolutizar qualquer estrutura de poder, qualquer regime político. Jesus afirma sua palavra como verdade e revela sua oposição à mentira estabelecida: o imperialismo romano que dominava a Palestina.

O Reino de Cristo é diferente do reino de César. É um Reino que se inicia aqui, está presente entre nós, mas que não se esgota em nosso processo histórico.

Somos chamados a construir esse Reino, construir uma nova sociedade que tenha seu alicerce na partilha dos bens e da vida. É por causa do anúncio deste Reino que Jesus foi condenado à morte. Hoje, a história de Jesus se repete em todos aqueles que anunciam uma nova esperança, de um povo liberto, e são perseguidos por aqueles que buscam perpetuar o presente.

Esta luta e utopia do povo é a realeza de Cristo, e ao proclamá-lo como Rei somos chamados a nos empenhar para que reine a sua verdade, caminho para uma realidade nova.

NOVEMBRO DIA 21, 2ª-f.: prs. Zc 2,14-17; Mt 12,46-50. DIA 22, 3ª-f.: Ap 14,14-19; Lc 21,5-11. DIA 23, 4ª-f.: Ap 15,1-4; Lc 21,12-19. DIA 24, 5ª-f.: Ap 18,1-2.21-23;19,1-3.9a; Lc 21,20-28. DIA 25, 6ª-f.: Ap 20,1-4.11-2 1,2; Lc 21,29-33. DIA 26, SÁBADO: Ap 22,1-7; Lc 21,34-36.



O TEMPO DO ADVENTO

A palavra "Advento" é um termo de origem latina e significa chegada, vinda. Para compreendermos sua origem é necessário que voltemos um pouco na história, tentando decifrar o significado deste tempo preparatório ao Natal.

A festa da Epifania (manifestação dos reis magos), nos primórdios da Igreja e, mais particularmente no oriente, era também a comemoração do Natal do Senhor (que mais tarde estabeleceu-se no dia 25/12) e além disso, juntamente com a Festa da Páscoa, era uma data importante para a administração do Batismo aos catecúmenos.

São da metade do século IV as informações que nos falam de um período de três semanas de jejum, entre a festa de São Martinho e o Natal. Este jejum de 40 dias (não se contavam os sábados e domingos pois nestes dias o jejum era suspenso) certamente era previsto em vista dos batismos a serem realizados na Epifania.

Dados mais concretos sobre o assunto nos provêm da cidade italiana de Ravena, muito ligada ao oriente (séc. V) e portanto, bastante ligada à preparação da Festa da Epifania. É desta Igreja que se tem notícia de uma liturgia preparatória ao nascimento de Cristo. A inspiração fundamental deste tempo era bem celebrar o evento histórico da encarnação de Jesus. Somente mais tarde, e sobretudo na Gália o tempo do Advento ganhou um sentido de preparação à 2ª vinda de Cristo, certamente por influência dos monges irlandeses e, mais precisamente Columbano, o Jovem (530-615). Mediante este novo sentido para o tempo aconselhava-se ao povo o jejum e a penitência como preparação necessária ao juízo final, e não mais ao sacramento do Batismo. Na liturgia, para manifestar este tempo de silêncio e expectativa omitiu-se o glória e o aleluia, prescreveu-se o paramento roxo, cessando apenas na noite do Natal do Senhor. Esse caráter penitencial passou da Gália para a liturgia romana do Advento no século XII.

Hoje, podemos dizer que o tempo do Advento possui uma dupla característica: é preparação para a solenidade do Natal e também um tempo em que, por meio dessa lembrança, voltam-se os corações para a expectativa da segunda vinda de Cristo no final dos tempos (parusia). É um período de "piedosa e alegre expectativa".

Busca-se hoje recuperar a idéia fundamental que sempre se observou na liturgia romana, na qual o Advento não é em primeiro plano um tempo de penitência em vista da 2ª vinda, mas um tempo de alegria e espera para a celebração da encarnação. Brota desta alegria a espera pela 2ª vinda do Senhor.

Preparando a celebração da vinda de Cristo no tempo e na história somos chamados a viver também em plenitude a expectativa da vinda do Senhor iluminan-

do nossa caminhada. A atitude de quem espera é a oração e os braços dados à luta e ao trabalho pelo Reino.

A Igreja nos convida, neste tempo, à vigilância na fé e à abertura para reconhecer os sinais da presença de Deus na vida da sociedade e da comunidade. É preciso também voltar nosso olhar para aqueles lugares onde a mensagem evangélica se encontra mais ausente e ali, como cristãos, repetir o mistério da encarnação.

Revisando nossa vida, somos convocados a nos colocar numa atitude de conversão profunda, abrindo caminhos para um novo tempo.

Esta realidade de escuta e vigilância é iluminada na liturgia pelo grito profético de Isaías e João Batista e concretizada na disponibilidade de Maria, a Mãe do Senhor.

Advento, tempo de ouvir o clamor do povo que pede: "Vem Senhor", fazendo nossa a causa de Jesus, a causa do Reino, lutando pela vida que se concretiza no Jesus menino, e que deve se estender a todos os que esperam a justiça de Deus.

A SALVAÇÃO SE APROXIMA

1.º domingo do advento
27/11/88

1ª leitura: Jr 33,14-16

O profeta Jeremias vê a vinda do Messias como um ato de fidelidade de Deus às suas promessas (vv.14-15). Apesar da infidelidade de Judá, Deus promete fazer nascer de Davi um rebento legítimo. A vinda do Salvador trará a paz para Judá e Jerusalém passará a ser chamada de "Javé-nossa justiça". Isto quer dizer que a comunidade é identificada com o "rebento justo de Davi" e será a encarnação do direito e da justiça (v.15).

Nesta leitura de Jr. percebemos a esperança do povo no Deus que salva. O povo judeu se sentia guiado por Javé na fidelidade à aliança e aguardava a vinda do messias: "Ele cumpriu as promessas..." (v.14).

2ª leitura: 1 Ts 3,12-4,2.

Para os primeiros cristãos o acontecimento histórico de Jesus de Nazaré manifestava a fé no "senhor que vem" a ponto de fazer convergir para ele todas suas atenções e energias.

Esta força da fé em Cristo se torna evidente na ca-



ridade dos cristãos (v.12). O cristão vive na esperança do reencontro com Cristo, por isso procura crescer sempre, a cada novo dia.

Evangelho: Lc 21,25-28.34-36

Esta é a versão lucana do sermão apocalíptico de Jesus. Depois de ter dito que a destruição de Jerusalém ainda não seria o fim (v.20-24), anuncia sinais ainda maiores, que levarão os fiéis a esperar com mais confiança o filho do homem que virá julgar a humanidade e consumir a história.

Mais do que se deixar temer pelo medo, o texto de Lucas quer que o homem tenha a certeza de que não está entregue ao caos, mas que deve esperar confiante na Palavra do Senhor.

Comentário

O primeiro domingo do Advento é como o Ano Novo da liturgia. Nos lembra a mesma realidade do último domingo do ano litúrgico (Cristo-Rei): o ponto final da história. Não devemos viver para o passado, mas para o futuro.

O convite ao "vigiai" (Lc 21,36) é a tônica mais forte deste domingo. Tal atitude é tão difícil em nossos dias já que a preocupação que mais nos marca é a do possuir e a da previdência.

A Igreja primitiva no entanto, insistia bastante na "vigilância" num sentido de prontidão para a volta eminente do Senhor.

A queda de Jerusalém no ano 70 marcou a idéia do povo sobre a volta do Senhor, já que tal evento passou a evocar o fim do mundo nos limites geográficos da cultura de então.

No entanto, a queda de Jerusalém não coincidiu com a volta do Senhor, significando para os cristãos que este será um acontecimento imprevisível e deveria ser uma preocupação permanente.

O evangelho e a 2ª leitura nos avisam que devemos estar preparados para o encontro com o Senhor que vem, lembrando-nos que para isso devemos buscar o bem e a justiça de Deus, que supera o que imaginamos e podemos inventar. A espera deve antecipar, segundo Paulo, de alguma forma o futuro encontro.

A celebração litúrgica deste primeiro domingo do advento inaugura o grande tema deste tempo litúrgico: o encontro do céu e da terra, da graça e do esforço humano, o encontro de Deus e do homem.

O Deus em quem devemos esperar, apesar de nossa pressa em fazer "presente sua justiça" é o Deus que brota da terra, é o "rebento de Davi", e portanto, se manifesta também nas ações do homem.

O tema do vigiar-esperar quer significar para nós a necessidade de preparar-se para o "encontro", arrumar a casa para a vinda do Reino da justiça e da libertação, tendo sempre presente que a justiça de Deus ultrapassa a nossa. Por isso precisamos estar abertos a seus

sinais, para que haja encontro do céu e da terra e conheçamos o "Deus-nossa justiça".

NOVEMBRO DIA 28, 2ª-f.: Is 2,1-5; Mt 8,5-11. **DIA 29, 3ª-f.:** Is 11,1-10; Lc 10,21-24. **DIA 30, 4ª-f.:** Rm 10,9-18; Mt 4,18-22. **DEZEMBRO DIA 1º, 5ª-f.:** Is 26,1-6; Mt 7,21.24-27. **DIA 2, 6ª-f.:** Is 29,17-24; Mt 9,27-31. **DIA 3, SÁBADO:** Is 30,19-21.23-26.; Mt 9,35-10,1.6-8.

A PAZ DA JUSTIÇA

2º domingo do advento
04/12/88

1ª leitura: Br 5,1-9

Após uma calorosa exortação à prática da lei (3,9-4,4) e a prescrição do castigo àqueles que não a observam, o profeta Baruc quer abrir para os homens a esperança da volta: "Levanta-te, Jerusalém" (v.5).

A restauração de Jerusalém, depois do exílio babilônico já é um início deste novo tempo de paz que o Senhor concede, um início da total reunião do povo.



2ª leitura: Fl 1,4-6.8-11

Este texto faz parte da ação de graças que Paulo eleva a Deus porque os filipenses cooperaram para a difusão do evangelho, assumiram a causa da fé e aí encontraram a alegria.

Pede a Deus que leve a termo a obra iniciada entre eles, fazendo-os crescer, apesar das dificuldades, até que o Senhor venha colher os frutos da justiça, sinal da cooperação humana com Deus.

Evangelho: Lc 3,1-6

O tempo do Advento está marcado pela figura de João Batista, maior profeta do tempo da preparação. Assim como em Mateus e Marcos, o texto de Lucas apresenta o fato do profeta João pregar o Batismo da conversão para o perdão dos pecados e realizar em si as palavras de Isaías 40,3(vv.2b-4). É peculiar em Lucas no entanto, a inserção do evento João Batista na história universal (vv. 1-2a), dando um alcance mais amplo ao seu anúncio. A história universal é identificada com a história da salvação. A pregação de João prepara a reconciliação com Deus em Jesus Cristo pela exigência da conversão. A voz de João no deserto nos prepara para o juízo de Deus e pede-nos a conversão do coração.

Comentário

A conversão como condição para o advento do Reino de justiça e paz marca profundamente a celebração deste domingo. É um tema bastante difícil para o nosso tempo, principalmente diante dos grandes desafios que se nos impõem, como a fome, injustiça, marginalidade, etc.). No entanto, a caminhada para o Reino parte da conversão do homem. É um alicerce para que sua consciência de contribuidor na realização da vontade de Deus na eliminação dos males do nosso tempo não esmoreça. O "mudar de vida" é um canal para que o dom divino se manifeste no mundo.

O anúncio de João é continuado por Jesus que exorta à conversão quando fala da renúncia e despojamento daqueles que o seguem.

Converter-se, portanto, é mudar de mentalidade, abraçando ações novas numa vida nova.

Sem dúvida, diante do convite à conversão iremos nos deparar com toda a sociedade que anseia por esta mudança de vida e estruturas. Assistimos em nossos dias tantas tentativas desesperadas de estabelecer este novo tempo em nosso mundo. Muitas destas tentativas acabam, pelo uso da imposição e da força, gerando mais guerra. Não podemos nos esquecer que a vida nova brota, em suas expressões de paz e de fraternidade de uma prática sincera da justiça.

O respeito a Deus e somente ele nos levará a descobrir a verdadeira justiça.

O oráculo de Baruc (1ª. leit.) e a proclamação de João Batista (e v.) falam da necessidade de abrir passagem para Deus, eliminando inclusive os obstáculos do coração humano, como a injustiça.

A "visão da salvação de Deus" por parte dos homens será possível através da conversão das desigualdades em igualdade, dos abismos da pobreza em terra plana.

Esta obra foi iniciada por Jesus Cristo (Fl.1,6). Nós continuamos na união com Deus o trabalho pela instauração da justiça, para que ele possa vir em plenitude.

A postura de anúncio e denúncia da comunidade cristã deve ser o sinal da presença de Deus na história humana, com Ele antecipando um futuro de fraternidade, união e justiça.

Nossa comunidade cristã hoje é chamada a ser "Paz da Justiça" (Br 5,4), convertida, fazendo caminho e produzindo novas caminhadas para a construção do Reino de Deus.

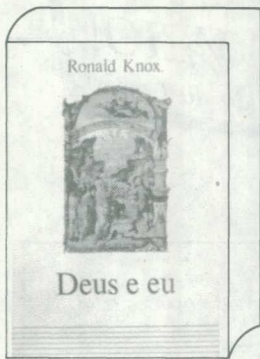
José Carlos Fernandes, cmf

DEZEMBRO DIA 5, 2ª-f.: Is 35,1-10; Lc 5,17-26. DIA 6, 3ª-f.: Is 40,1-11; Mt 18,12-14. DIA 7, 4ª-f.: Is 40,25-31; Mt 11,28-30. DIA 8, 5ª-f.: prs. Gn 3,9-15.20; Ef 1,3-6.11-12; Lc 1,26-38. DIA 9, 6ª-f.: Is 48,17-19; Mt 11,16-19. DIA 10, SÁBADO: Eclo 48,1-4.9-11; Mt 17,10-13.

QUE BOM QUE VOCÊ VEIO!

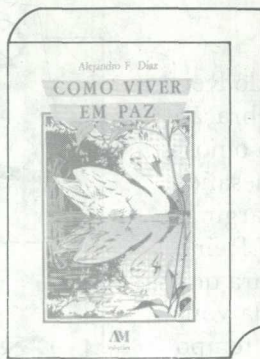
(Recado do Cortês)





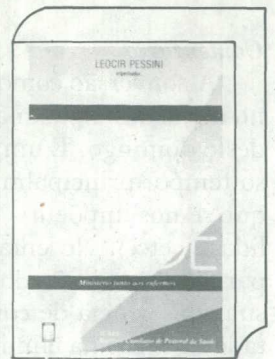
DEUS E EU — Ronald Knox, Editora Quadrante, 183 págs. Sacerdote convertido da Igreja Anglicana, na qual era pastor, conhecido pelos livros publicados e pela sua tradução da Bíblia, adotados até hoje na Inglaterra, propõe nesse livro uma pausa na corrida desenfreada da vida e analisa: para que viver, correr, realizar. Com uma linguagem bem humorada, interessante, aborda questões fundamentais e necessárias da existência humana — Deus, alma, o seu destino final e oração.

VOLTEI. QUERO SER CRISTÃO — G.M. Emunds, Editora Vozes, 163 págs. É o depoimento de um homem no limiar da idade madura, casado, chefe de família, profissional no ramo da comunicação social; passou grande parte de sua vida se dizendo ateu e volta à religião. O autor nos convida à reflexão sobre o caminho de cada um; o fato de se ter uma religião como rótulo ou como um hábito, a possibilidade ou não de se encontrar Deus pela inteligência humana e lógica e a maneira com que o milagre — a graça de Deus — desabrocha para uma felicidade próxima.



COMO VIVER EM PAZ — Alejandro F. Diaz, Editora Ave Maria, 169 págs. Esta obra foi inspirada na Oração de São Francisco, objetivando a busca da paz interior, tão difícil ao homem diante do mundo insensível de hoje. O autor reflete a simplicidade característica da vida de S. Francisco, baseada no amor, perdão, concórdia, verdade, oração e esperança. Convida à meditação a respeito do medo do homem diante da morte, o sentido verdadeiro da vida diante dela.

FAMÍLIA FELIZ — Frei Anselmo Fracasso, Editora Vozes, 77 págs. Trata-se de um livro direto e simples cujo objetivo é indicar metas e meios para que o casamento se torne um êxito. O autor analisa e leva a reflexões a partir da prática, dos encontros diários — a realidade da família de hoje. Aborda o plano de Deus para a família, o conceito e natureza do amor. É recomendado para o público em geral e em particular para casais com problemas de relacionamento, onde o autor ensina como cultivar o amor através do diálogo, do perdão, do auxílio mútuo.

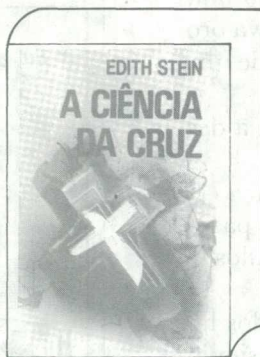
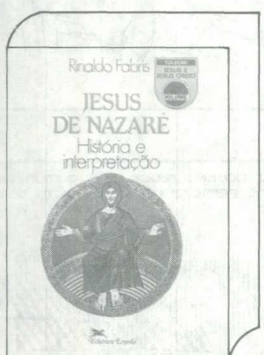


PASTORAL DA SAÚDE — Leocir Pessini, Editora Santuário, 280 págs. Este livro apresenta o trabalho de vários anos do ICAPS (Instituto Camiliano de Pastoral da Saúde), na maioria, uma seleção de material publicado no Boletim Informativo do ICAPS, artigos principais de autores e pesquisadores consagrados. Abrange além da assistência aos enfermos, suas necessidades pessoais, a orientação aos profissionais da saúde, numa visão e atuação cristã e apostólica. É composto de seis temas fundamentais: Igreja e Saúde, Pastoral, Perspectivas Camilianas, Clínica, Orações e Reflexões.



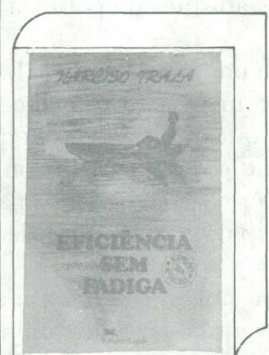
MARIA NA VIDA DE JOÃO XXIII — Jesus Bermejo, Editora Ave Maria, 95 págs. Este livro reflete a dimensão mariana na vida de João XXIII — o papa bondoso — como foi chamado. Sua figura acolhedora, sem arestas nem fronteiras penetrou em todos os ambientes. O seu amor filial a Maria era percebido em seus discursos de cardeal e de papa, onde N. Senhora ocupou um lugar privilegiado na vida e até na morte, deixando-nos uma valiosa herança: O Diário de Uma Alma. A finalidade deste livro é precisamente recolher essa mensagem e colocá-la ao alcance de todos.

JESUS DE NAZARÉ — Rinaldo Fabris, Edições Loyola, 372 págs. Os textos sagrados de uma tradição religiosa milenar passaram pelo crivo da crítica literária e foram submetidos, de forma metódica, ao exame da ciência histórica. Quais os resultados? Que considerações merecem os textos evangélicos? O que é que sobra da figura tradicional de Jesus? Este livro traz um balanço da pesquisa histórico-crítica nos últimos 30 anos, para voltar ao ponto focal e dinâmico de toda a realidade cristã — Jesus Cristo.



A CIÊNCIA DA CRUZ — Edith Stein, Edições Loyola, 262 págs. O livro versa sobre a tentativa de compreender S. João da Cruz, sua personalidade, vida e obra. Não se trata de apresentar uma biografia ou uma descrição doutrinária. São depoimentos interpretados sob uma visão pessoal da autora após prolongados estudos sobre a ciência da Cruz. Esboça as leis fundamentais do modo de ser espiritual com referência à essência e finalidade da pessoa humana. É dirigida a todos os cristãos como verdadeiro testemunho espiritual da autora.

EFICIÊNCIA SEM FADIGA — Narciso Trala, Edições Loyola, 212 págs. Este livro é dedicado às pessoas de todas as faixas etárias e atividades, nessa era de esgotamento, de excessivo cansaço, de vida sedentária que sentem o decréscimo de rendimento. Trata-se de um manual que pretende reunir em forma clara, breve e simples, algumas normas práticas de psicologia e pedagogia aplicada à fisiologia, promover a satisfação intelectual e espiritual para maior eficácia, alcançando o ideal de ter prazer na ocupação e no trabalho.



UMA FONTE NO DESERTO — Almir Ribeiro Guimarães, OFM, Editora Vozes, 136 págs. O homem da técnica e do consumismo perdeu o senso profundo das coisas de Deus e na repetição mecânica de ações e ritos, estão se dando conta de um deprimimento interior. Este é um livro de meditações e de interiorização que leva o leitor a refletir sobre a fé, a figura do Cristo, o sentido da ação do Espírito Santo, a oração de todos os momentos. Composta de 15 meditações, seguidas de salmo para a oração, para reflexão pessoal ou em grupo e um balanço diário da consciência cristã.

Assinale nos quadrinhos a quantidade de livros desejados e remeta este cupom para:

LIVRARIA AVE MARIA
Cx. Postal 54.215
01226 — SÃO PAULO

(Tels.: 66-0582 e 825-0700)

Obs.: Atendemos por Reembolso Postal. Pedidos de valor inferior a Cz\$ 50,00 deverão vir acompanhados do respectivo pagamento, por vale postal ou selos novos do Correio.

- | | | | |
|--|----------|--|----------|
| <input type="checkbox"/> Deus e Eu | 1.700,00 | <input type="checkbox"/> Maria na vida de João XXIII | 700,00 |
| <input type="checkbox"/> Voltei. Quero ser cristão | 1.020,00 | <input type="checkbox"/> Jesus de Nazaré | 2.300,00 |
| <input type="checkbox"/> Como viver em paz | 1.090,00 | <input type="checkbox"/> A Ciência da Cruz | 1.580,00 |
| <input type="checkbox"/> Família feliz | 370,00 | <input type="checkbox"/> Eficiência sem fadiga | 1.300,00 |
| <input type="checkbox"/> Pastoral da saúde | 700,00 | <input type="checkbox"/> Uma fonte no deserto | 645,00 |

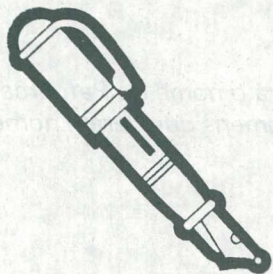
Nome: _____

Rua _____ N.º _____

Cidade _____ Estado _____

CEP _____ Assinatura _____

Os menores dão sua opinião



Um menor abandonado estava de noite dormindo debaixo de um paredão dentro do quintal de uma casa bonita.

Eu pensei: como deve ser ruim ficar nas ruas sozinho deve ser muito ruim pedir esmola na casa dos outros.

O governo deve recolher essas crianças e dar casa, escola, comida e trabalho para um dia ser alguém na vida.

Mas não, esses jovens ficam recebendo fumo, pinga, cerveja, tóxicos etc.

Eu me pergunto: porque o governo não acolhe menores abandonados evitando deixá-los pelas ruas?

O governo deveria dar mais apoio, mudar, acabar com essas coisas do menor abandonado, só assim eles poderiam ser úteis à Pátria.

(M.A.P. — 10 anos
Américo Brasiliense, SP)



Eu gostaria de dizer às pessoas grandes que parassem com a violência, com os crimes de matar e muitas outras coisas.

Eu gostaria de dizer a meus pais muito obrigado porque eles me repreendem na hora que eu estou errado, eu não tenho nenhuma queixa de meus pais, são os melhores do mundo inteiro.

Eu gostaria de dizer às autoridades, que elas estão agindo certo em certas coisas, só que elas estão se esquecendo do roubo. As crianças não adianta ter creches, ter a Febem, adianta elas darem uma educação às crianças, levando para um lugar que adotam crianças porque assim eles tem casa para morar e pais adotivos.

Eu acho que está errado no meu país, o modo de tratar as crianças desabrigadas.

Meu nome é M. Tenho 11 anos e estou na 5.ª série, sou uma menina mineira de Arcos. Sou uma leitora da revista Ave Maria.

Primeiramente eu queria dizer que os "menores" não são somente aqueles meninos que não têm ninguém por eles nesse mundo, são também muitos que ficam na rua falando palavras feias, brigando, atirando pedras nos outros, enquanto os pais ficam bem tranquilos assistindo televisão ou fazendo crochê, tricô e muitas coisas mais.

Os pais dessas crianças são os responsáveis por

Eu acho que para as crianças de minha idade trabalhar, eu acho certo porque se um dia seus pais morrerem você já sabe se virar no mundo.

Eu acho que na minha cidade o prefeito dá mais carinho para as crianças abandonadas; ele protege as crianças e também tem escola suficiente.

Eu acho que alguém deveria dar uma alimentação para as crianças que passam fome.

Eu acho que as crianças que moram debaixo das pontes e em outros lugares que as autoridades deveriam fazer um lugar só para as crianças que moram nas ruas; assim ficariam abrigadas e seriam encaminhadas para uma vida decente. Só assim serão amanhã cidadãos brasileiros.

(C.E.O. — 10 anos
Américo Brasiliense, SP)

não dar conselhos, não orientar, não falar em Deus pros filhos.

Eles os deixam soltos para entrar pro mundo dos tóxicos, da falta de respeito, da falta de dó dos outros.

Quanto aos meninos sem pais, os adultos deviam tirar uma horinha de prazo para os aconselhar, ensinar-lhes o valor de Deus em suas vidas.

E a estes pais que não pensam no futuro dos filhos: que vocês a partir de hoje dêem mais atenção ao filho. Ele precisa de vocês.

(M.O.R., 11 anos — Arcos, MG)



Eu gostaria de dizer aos meus pais que eles me tratam com carinho, me dão todo o afeto o amor a felicidade que toda criança deveria ter. Eles me compreendem quando estou certa.

Eu queria e também gostaria de dizer às autoridades que abrigassem as crianças abandonadas que vivem passando fome e também dessem serviços aos pais das crianças que eles dessem mesmo não fazer só promessas.

Eu acho que está errado na minha cidade, quer dizer no Brasil, os ladrões que roubam as pessoas.

Peço para acabar com essas coisas más que existem e também não aumentar o preço dos alimentos. As coisas, são certas aumentar, mas se forem aumentar, aumente os salários dos trabalhadores também.

Eu acho certo as crianças trabalharem porque se elas não estudam e os pais ganham pouco as crianças tem que trabalhar.

Eu acho que o governo deveria fazer escolas porque não é justo um futuro brasileiro analfabeto.

E eu acho das crianças que moram nos lixões, na rua, que o governo deveria abrigar. Eu apoio as crianças porque elas precisam de carinho.

(A.L.P.F. — 10 anos —
Américo Brasiliense, SP)

OS FILHOS DE JACÓ

Norma Termignoni

Jacó teve filhos de duas esposas e de duas escravas, uma de cada esposa. O Direito da Mesopotâmia permitia à mulher estéril dar uma escrava ao marido para ter um filho que seria considerado dela.

O Livro do Gênesis, no capítulo 30, 1-4 lembra um rito de adoção de um filho: "Dar à luz sobre meus joelhos".

A esterilidade, ou incapacidade de ter filhos era considerada como uma grande desgraça, ou mesmo, castigo de Deus. Isto explica a rivalidade entre Lia e Raquel.

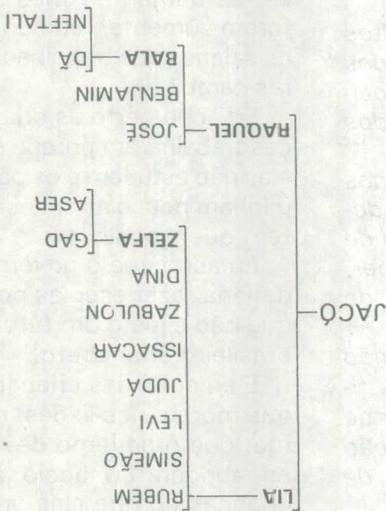
O poder de tornar fecunda uma mulher estéril era atribuído só a Deus.



Ponha em ordem as letras embaixo e você obterá o nome do Patriarca, das mães legítimas, das escravas, dos doze filhos homens que deram nome às doze tribos de Israel e da filha mulher.

ALI →	BURME Gn 29,32)
29,23)	MÃOSEI Gn 29,33)
	VELI Gn 29,34)
	ÁJUD Gn 29,35)
	SICARAS (Gn 30,18)
	LUZOBAN (Gn 30,20)
	IDAN (Gn 30,21)
	ZAFEL (Gn 29,24) →
	[DAG (Gn 30,11)
	[SERA (Gn 30,13)
CAJO →	
(Gn 29,1)	
	QUELAR →
	[JÉOS (Gn 39,24)
	[JEMBINAN (Gn 35,18)
	[ABAL (Gn 29,29) →
	[ÃD (Gn 30,6)
	[TILAFEN (Gn 30,8)

RESULTADO



Texto utilizado: Bíblia AVE MARIA

"Tu és eternamente responsável pelo que cativas..."

Antoine Saint Exupéry

Um bilhão de pessoas já leu ou assistiu
"O Pequeno Príncipe"
E você?...



Ame a cultura e ame sua cidade. Ajude-a a crescer culturalmente. Apresente este cupom à Secretaria de Cultura da sua cidade, ou a um bom colégio. Nós "O Pequeno Príncipe" e "Tistu - O Menino do Polegar Verde" em breve poderemos nos apresentar em sua cidade. É só solicitar. Entre em contato conosco pelo tel: (011) 290-4006.

Em São Paulo, capital, já estamos nos apresentando:

"O Pequeno Príncipe"
Sábados e Domingos às 15h30
Teatro Auditório Augusta
Rua Augusta, 943

"Tistu - O Menino do Polegar Verde"
Domingo às 11h
Teatro Caetano de Campos
Praça da República, 53

(Obs.: Apresente este cupom e ganhe o desconto de 50% - válido para 4 pessoas.)

VOCÊ TEM UM AMIGO?

Não se esqueça dele neste
Natal! Envie um cartão
desejando-lhe felicidades e que
Deus o abençoe.

Passe o Natal deste ano com dupla felicidade e
alegria. Primeiro porque neste Natal, ao se
lembrar de alguém, um amigo, parente, um
familiar, um cliente, um amigo, parente, um
familiar, um cliente, uma pessoa importante,
você vai mandar uma bela mensagem de Natal,
como lembrança de amizade e consideração.
Segundo porque ao comprar esses cartões de
Natal você estará ajudando na manutenção e na

formação das vocações claretianas.
Não espere o fim do ano para ser mais feliz.
Hoje mesmo faça o seu pedido. Você será
lembrado com alegria e sentirá a satisfação de
saber que está ajudando diretamente nos
estudos, na formação e manutenção de uma
centena de jovens que estão se preparando para
o sacerdócio.

Modelos novos



n.º 69 (200 x 150 mm)



n.º 70 (200 x 150 mm)



n.º 71 (200 x 150 mm)



n.º 72 (200 x 150 mm)



n.º 73 (200 x 150 mm)



n.º 74 (200 x 150 mm)



n.º 75 (200 x 150 mm)



n.º 76 (150 x 200)



n.º 29 (210 x 150 mm)



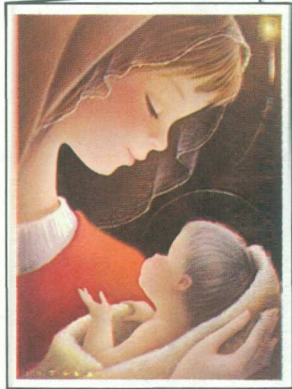
n.º 31 (210 x 150 mm)



n.º 33 (170 x 155 mm)



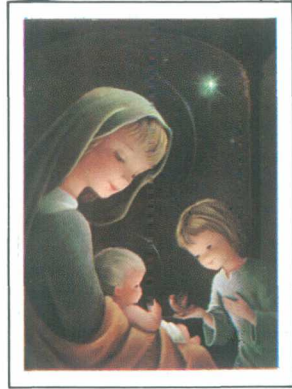
n.º 34 (200 x 150 mm)



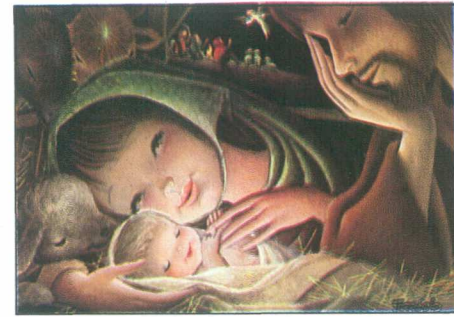
n.º 36 (200 x 140 mm)



n.º 37 (200 x 140 mm)



n.º 38 (200 x 140 mm)



n.º 39 (210 x 150 mm)

MODELOS	ASSINALE AQUI A QUANTIDADE DE CARTÕES PEDIDOS	MODELOS	ASSINALE AQUI A QUANTIDADE DE CARTÕES PEDIDOS
N.º 29	70,00 cada	N.º 69	60,00 cada
N.º 31	70,00 cada	N.º 70	60,00 cada
N.º 33	70,00 cada	N.º 71	60,00 cada
N.º 34	70,00 cada	N.º 72	60,00 cada
N.º 36	70,00 cada	N.º 73	60,00 cada
N.º 37	70,00 cada	N.º 74	60,00 cada
N.º 38	70,00 cada	N.º 75	60,00 cada
N.º 39	70,00 cada	N.º 76	60,00 cada
SUBTOTAL cartões	+ SUBTOTAL cartões

ATENÇÃO!

Para você saber com clareza o valor do seu pedido e o desconto de que você vai desfrutar

Faça assim:

- 1 - Preencha corretamente os espaços pontilhados;
- 2 - some a quantidade de cartões pedidos.
- 3 - verifique, na *tabela de descontos*, onde a quantidade total do seu pedido se enquadra. Com isso, você saberá quanto de desconto você desfrutará.

TABELA DE DESCONTOS

quantidade de pedidos

- pedidos de 201 a 400 cartões 10% de desconto
- pedidos de 401 a 600 cartões 20% de desconto
- pedidos de 601 a 800 cartões 30% de desconto
- pedidos superiores a 800 cartões 40% de desc.

Reúna o pedido de amigos para conseguir maiores descontos!

Preencha os espaços corretamente, incicando a quantidade de cartões desejados e envie para:
SECRETARIADO VOCACIONAL CLARETIANO

Caixa Postal 54.215 - Cep 01296 - São Paulo-SP

Ncme: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

CEP: _____ Estado da Federação: _____

Assinatura: _____

OBS.: Cada cartão vem acompanhado do respectivo envelope.

- Os cartões serão remetidos por meio da Livraria Ave Maria e pagos pelo reembolso postal. Logo que receber o aviso do Correio, vá buscar seus cartões.
- Você paga no Correio o valor correspondente ao seu pedido mais o porte postal.